

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**GABRIEL GIUDICE DE LIMA**

**FAZER A GUERRA, FAZER A CRÍTICA: POLITIZAÇÃO DA GEOGRAFIA EM**  
**YVES LACOSTE**

**SÃO PAULO**  
**2025**

**GABRIEL GIUDICE DE LIMA**

**FAZER A GUERRA, FAZER A CRÍTICA: POLITIZAÇÃO DA GEOGRAFIA EM  
YVES LACOSTE**

Trabalho de Graduação Individual  
apresentado ao Departamento de Geografia da  
Universidade de São Paulo como requisito  
para a obtenção do título de Bacharel em  
Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Elisa Favaro Verdi

**SÃO PAULO**  
**2025**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a toda a minha família - incluindo meu falecido avô, Giovanni - e ao meu melhor amigo, Guilherme Augusto, por nunca desistirem de mim.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>A BIOGRAFIA DE YVES LACOSTE.....</b>	<b>6</b>
<b>1. O CONCEITO DE GUERRA EM YVES LACOSTE: UMA LEITURA CRÍTICA DE “A GEOGRAFIA - ISSO SERVE, EM PRIMEIRO LUGAR, PARA FAZER A GUERRA”.....</b>	<b>10</b>
<b>2. UM LIVRO QUE DESESTABILIZA: SEUS LEITORES, SUAS POLÊMICAS E O PAPEL DA REVISTA HÉRODOTE.....</b>	<b>41</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>60</b>

## INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como propósito analisar o conceito de guerra para Yves Lacoste, focando, principalmente, em sua obra mais conhecida e debatida no meio acadêmico geográfico: “A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”, lançada em 1976, mas também utilizando outras bibliografias para responder nossa pergunta de pesquisa. Queremos obter a resposta da seguinte pergunta: “Qual o conceito de guerra para Yves Lacoste?”, pressupondo, desse modo, que tal conceito não se restrinja somente a campanhas militares. Além de analisar a concepção de guerra elaborada por Lacoste, este trabalho também busca compreender seu entendimento sobre o papel político da Geografia e sua crítica à suposta neutralidade da disciplina. Interessa-nos perceber como o autor compreende a geografia aplicada como um instrumento estratégico de leitura e intervenção no mundo, ressaltando a importância da informação geográfica na produção e na manutenção de relações de poder. Também procuramos identificar como sua crítica contribuiu para a renovação epistemológica da Geografia e influenciou a formação da Geografia Crítica no Brasil.

Para isso, no primeiro capítulo de nosso texto, após a introdução, faremos uma investigação minuciosa da versão de 2012 da obra “A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”, traduzida para o português por Maria Cecília França, ex-professora doutora do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, e com apresentação de José William Vesentini, professor doutor e pesquisador da Universidade de São Paulo.

Além dessa bibliografia principal, utilizaremos, no segundo capítulo de nosso trabalho, o apoio dos textos dos autores Víctor Daltoé dos Anjos; Daniel Afonso da Silva, Antônio Carlos Robert Moraes; John Brian Harley; Elisa Favaro Verdi; Marcelino Andrade Gonçalves e Claudinei Araújo dos Santos; Guilherme Magon Whitacker; Cláudio Luiz Zanotelli; Larissa Alves de Lira; Guilherme Ribeiro; Maria Eduarda Cação Rosa; Rodrigo Antonio Rodrigues Alves, Joice Nara Rosa Silva, Fernanda Marques Milesi Agnolin, Luana Possamai Menezes, Camila Carolina Ghuze Pierezan e Marcos Venicius Milesi; Geraldine Marcelle Moreira Braga Rosas Duarte; Adriana Dorfman e Licio Caetano do Rego Monteiro; Eduardo Karol; Felipe Castilho de Lacerda; José Arnaldo dos Santos Ribeiro Júnior; Francisco Aracildo de Moura, Geralda Juliet Tavares de Souza, Diêgo Rodrigues da Silva, Hiram de Aquino Bayer e Suzete Câmara da Silva Figueiredo; Julio Verne; Teresa Cardoso da Silva; Celuy Roberta Hundzinski; Gustavo Francisco Teixeira Prieto e Ruy Moreira.

## A BIOGRAFIA DE YVES LACOSTE

Lacoste nasceu em Fez, no Marrocos, em 1929, e é filho de um geólogo francês que realizava a exploração de petróleo naquele país (VERDI, 2017), sendo que na época Marrocos ainda era uma colônia francesa (VERDI, 2017). A nacionalização dos recursos minerais marroquinos fez com que Marrocos fosse considerado o país mais próspero do norte da África e, por conta disso, foi criado o Bureau de Pesquisas e Participações em Minérios - cujas funções principais eram pesquisar recursos minerais, rastrear jazidas e organizar a exploração mineral no território marroquino - que teria como um de seus primeiros diretores Jean Lacoste, pai de Yves Lacoste (SILVA, 2024). Essa posição de Jean Lacoste em uma instituição central e importante no Marrocos permitiu a Yves Lacoste uma profunda e confortável relação com o Marrocos e com a França (SILVA, 2014). Em 1939, após muitas idas e vindas à França, os Lacoste decidem se instalar em *Bourg-la-Reine*, região de Paris (SILVA, 2024). De acordo com Silva (2024), Jean Lacoste passou a acompanhar a cartografia da segunda guerra mundial, os movimentos militares e as tensões dentro das fronteiras europeias, e tal fato influenciou o gosto do filho pela cartografia e jogos de poder já nos seus dez anos de vida. Porém, em 1942, Jean Lacoste morre, deixando marcas profundas em seu filho.

Yves Lacoste se considera um “colonial” de nascimento e afirma se orgulhar disso, porém afirma ser um colonial de tipo “anticolonialista”, ou seja, se orgulha de onde nasceu e, ao mesmo tempo, das lutas que seu país trava, apoiando a descolonização (ZANOTELLI, 2005). No entanto, vale ressaltar que suas críticas raramente dialogavam com epistemologias não europeias, o que revela limites próprios de seu contexto intelectual e que podem nos levar a contestar se de fato Lacoste era um autor colonial. Assim sendo, Lacoste não reproduz um projeto colonialista, mas também não rompe completamente com os enquadramentos que estruturaram a geografia ocidental. O autor manteve uma forte relação com o chamado “terceiro-mundo” (ZANOTELLI, 2005), um grupo de países que estão na periferia do capitalismo e foram explorados e, na maioria das vezes, colonizados, como os países do norte da África, os quais Lacoste têm uma grande relação e já passou por eles, como a Argélia e o próprio Marrocos, país de seu nascimento.

O autor cursou Geografia no Instituto de Geografia da Sorbonne, em Paris, e realizou um mestrado sobre a geomorfologia do Marrocos (VERDI, 2017). Yves Lacoste foi professor em Vincennes, universidade criada depois de maio de 1968, momento de início estudantil que

protestava contra as más estruturas das universidades, contra a repressão sexual, contra as reformas educacionais restritivas e a favor da destituição de Charles de Gaulle, presidente da época, do poder (HUNDZINSKI, 2018). Os operários, posteriormente, entram nos protestos e reivindicam melhores salários, redução da jornada de trabalho, aposentadoria aos 60 anos e mais direitos trabalhistas (HUNDZINSKI, 2018). Posteriormente, vários outros grupos, como artistas e cristãos progressistas entraram no movimento (HUNDZINSKI, 2018). Em 1976, no mesmo ano que publicou a obra “A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”, Lacoste criou e se tornou diretor da revista *Hérodote* (ZANOTELLI, 2005). Trataremos sobre essa revista no segundo capítulo deste trabalho.

Bernard Kayser (1926-2001), geógrafo francês muito interessado pelas questões rurais e pelo contato com as outras ciências, foi um dos entrevistados na obra de Zanotelli (2005) para falar sobre Yves Lacoste. Kayser disse que os dois se conheceram no Instituto de Geografia em Paris, na Sorbonne, e eram colegas no meio acadêmico e se encontravam em um grupo formado por geógrafos progressistas (ZANOTELLI, 2005). Kayser afirma que, tanto ele como Lacoste, eram unidos em torno de dois professores: Pierre George (1909-2006), importante geógrafo francês que, de acordo com Kayser, era marxista mas não se considerava como um (ZANOTELLI, 2005) e Jean Dresch (1905-1994), geógrafo anticolonialista e militante das lutas de independência no norte da África (LACOSTE, 2012 *apud* PRIETO; VERDI, 2017). Kayser afirma que George era o verdadeiro mestre deles e que Lacoste tinha uma proximidade muito grande com ele, inclusive através de sua família (ZANOTELLI, 2005). Silva (2024) afirma que, com a morte de Jean Lacoste, as famílias George e Lacoste se aproximaram e, em certa ocasião, a pedido de sua mulher, que era instrutora de artes dos irmãos de Yves Lacoste, Pierre George levou aos Lacoste legumes de sua horta.

Voltando a Bernard Kayser, o autor afirma que ambos estavam mais próximos de Jean Dresch do ponto de vista humano, e mais próximos de George do ponto de vista intelectual (ZANOTELLI, 2005). Jean Dresch foi amigo de Jean Lacoste no Marrocos e, agora em Paris, era um professor de destaque no Instituto de Geografia (SILVA, 2024).

Lacoste obteve a confirmação de sua vocação para a geografia a partir das aulas e seminários de Max Sorre (1880-1962), geógrafo francês que focava bastante nos complexos e fenômenos que estão em permanente movimento (MOREIRA, 2009), Jean Tricart (1920-2003), geomorfólogo francês que foi professor assistente da Sorbonne e, posteriormente, professor titular na Universidade de Strasbourg (SILVA, 2003) e o próprio Jean Dresch, já citado anteriormente. Também sofreu influência do amor de sua vida, Camille

Dujardin (1929-2016), que foi sua colega de classe e com quem ficou junto por quase 60 anos (SILVA, 2024). Depois de formados, em 1950, Lacoste e Dujardin foram conduzidos aos países subdesenvolvidos, porém, pouco antes de 1950, Jean Dresch os havia enviado a Casablanca, no Marrocos, para um estudo de campo, e em 1952 o próprio Dresch lhes conseguiu o primeiro emprego na Argélia, em Argel, que foi onde Lacoste teve seu primeiro contato com a obra do historiador *Ibn Khaldoun* e, com base nesse autor, iria reescrever a história e representação do norte da África (SILVA, 2024).

Lacoste iria para Marrocos para fazer um trabalho de campo entre 1952 e 1953, mas devido ao processo de independência em curso no país, seu diretor de tese, Jean Dresch, indicou que a melhor escolha seria ir para a Argélia (ZANOTELLI, 2005). Lacoste, como membro do Partido Comunista Francês, se viu membro do Partido Comunista Argelino, sendo membro do Partido em 1952 e 1953 (ZANOTELLI, 2005). Quando retornou à França, acabou saindo do Partido Comunista Francês em 1956, pois o partido votou a favor dos poderes especiais solicitados pelo presidente do Conselho, Guy Mollet, para levar adiante a guerra na Argélia, sendo que o partido Comunista considerava que esse seria o único meio de finalizar às ações de colonos franceses em solo argelino (ZANOTELLI, 2005), algo contrário às convicções de Lacoste. O autor considerava, inclusive, de acordo com Zanotelli (2005), que a colonização deveria ser uma etapa penosa, mas que haveria de ser ultrapassada e sempre considerou que os povos do Terceiro Mundo deveriam ser orgulhosos de serem marroquinos, argelinos ou vietnamitas. Lacoste afirma que, de acordo com suas lembranças de infância e dos relatos de seu pai, o espaço marroquino era organizado por um pequeno número de militares e que suas decisões tinham consequências consideráveis (ZANOTELLI, 2005).

Lacoste afirma que um livro que o marcou muito foi “A ilha misteriosa”, de Júlio Verne (2021), que trata, de acordo com o autor, sobre a construção de uma sociedade sem mulheres, gerando um problema para o futuro (ZANOTELLI, 2005). Nesta obra, cinco personagens, através de um balão, chegam a uma ilha desconhecida sem nenhum tipo de recurso (VERNE, 2021). O leitor acompanha, ao decorrer da obra, como os personagens - Cyrus Smith, o engenheiro; Gédéon Spilett, o jornalista; Pencroff, o marinheiro; Harbert, o jovem inteligente e Nab, o servo fiel - transformam a ilha em um lugar habitável, sendo que juntos, os personagens tentam formar uma espécie de mini civilização (VERNE, 2021). Logo, a interpretação de Lacoste faz sentido, visto que nenhum personagem da ilha é mulher e, sendo assim, a construção de uma civilização seria impossível, não havendo descendentes.

Lacoste afirma que funciona como um geógrafo, mas que em suas relações com quem ama, ele não funciona, e tenta compreender seus filhos, mas não ser muito protetor (ZANOTELLI, 2005). Os filhos, segundo o próprio autor, o chamam de “pai urso” e tal alcunha resulta em funções de um pai que deve tomar conta de tudo, mas Lacoste afirma tentar não ser muito útil para eles, e reitera que só funciona mesmo é como geógrafo (ZANOTELLI, 2005).

Para Paul Claval, de acordo com a obra de Zanotelli (2005), o sucesso da nova geopolítica na *França* vem de Yves Lacoste, que se interessou cedo pela geopolítica, uma prova disso, segundo Claval, seria o estudo de Lacoste sobre Ibn Khaldoun e sua defesa a visão original do grande pensador e historiador magrebino contra as interpretações propostas pela colonização francesa. Para Claval, Lacoste é colocado entre os maiores geógrafos franceses (ZANOTELLI, 2005).

No ano de 2000, Yves Lacoste, para sua própria surpresa, venceu o prêmio *Vautrin Lud*, Lacoste não tinha a impressão de ser muito conhecido mundialmente (ZANOTELLI, 2005), logo, não acreditava que iria vencer. Esse prêmio é como um Prêmio Nobel da Geografia, seguindo, inclusive, os mesmos critérios e procedimentos do Prêmio Nobel (ZANOTELLI, 2005). De acordo com a obra de Zanotelli (2005), o nome simbólico do prêmio *Vautrin Lud* se referia ao chefe dos monges do Monastério de Saint-Dié, os quais foram os primeiros que escreveram “América” sobre a carta do Novo Continente. Lacoste foi escolhido pela comunidade geográfica, mostrando seu crescente prestígio internacional na comunidade geográfica (ZANOTELLI, 2005).

Desse modo, podemos perceber que Lacoste tem uma vasta biografia e obteve a influência de vários geógrafos importantes ao longo de sua formação, como Pierre George, Jean Dresch, Tricart, Max Sorre, a obra do historiador *Ibn Khaldoun* e de sua própria parceira amorosa, Camille Dujardin. Além disso, a influência de seu pai geólogo e seu interesse pelas cartas militares também interferiu no gosto de Yves Lacoste por questões estratégicas e relacionadas ao poder. Seu crescimento em Marrocos causou uma ligação forte com o chamado “terceiro mundo”, levando o autor a realizar intervenções em alguns desses países, que serão tratadas mais adiante, no segundo capítulo do trabalho.

## **1. O CONCEITO DE GUERRA EM YVES LACOSTE: UMA LEITURA CRÍTICA DE “A GEOGRAFIA - ISSO SERVE, EM PRIMEIRO LUGAR, PARA FAZER A GUERRA”**

Como afirmado anteriormente, trabalharemos com base na versão de 2012 da obra “A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra” de Yves Lacoste, publicada em 1976, em um contexto de muita efervescência política que será abordado no segundo capítulo. Nossa versão faz parte da Editora Papirus, possui a tradução de Maria Cecília França e apresentação de José William Vesentini, como afirmado anteriormente. Contamos, em nossa versão, com 239 páginas, uma apresentação, uma explicação sobre as alterações realizadas na terceira edição do livro e 23 capítulos. Nessa explicação sobre a terceira edição, Lacoste (2012) afirma que a primeira edição causou uma grande polêmica e mal estar de outros geógrafos em relação a ele, algo que também será explorado no próximo capítulo.

O próprio título da obra de Lacoste (2012) causou pânico entre os geógrafos, mas, em contrapartida, encantou os que odiavam a geografia, como os historiadores. Eles tiveram que fazer geografia contra a vontade para obter a licença e a consideravam uma disciplina inútil. A partir do livro, começaram a afirmar que era uma disciplina maléfica, sendo um motivo excelente para tentar tirar os holofotes da geografia (LACOSTE, 2012).

De acordo com Lacoste (2012), alguns - os quais Lacoste não explica quem são, mas acredita-se que sejam os historiadores que gostaram do título do livro para poder legitimar suas críticas à geografia - ao lerem o livro descobriram que a geografia é um instrumento social bem mais importante do que eles imaginavam. As críticas e apontamentos feitos por Lacoste no livro demonstraram como a geografia é útil, e não somente para os militares, mas também para os cidadãos quando precisarem se defender.

Esse livro interessou aos jornalistas - provavelmente por seu título instigante - e foi graças a eles, de acordo com Lacoste (2012), que ele foi lido por um grande número de pessoas, sendo essas estudantes, sindicalistas e militantes. A obra fez sucesso não apenas no local de sua publicação, a França, mas alcançou ares internacionais, inclusive em países que não viviam regimes democráticos (LACOSTE, 2012). É interessante analisar que esse livro, chegando nas mãos da população desses países antidemocráticos, poderia servir de motivação e base ideológica para criar um movimento contra a opressão estatal, incentivando a formação de uma resistência de cunho militar ou ideológico, criando mecanismos para uma sociedade mais democrática e popular, demonstrando que a guerra pode ser feita da

população contra o Estado, e não apenas do Estado contra a população, mas também abordaremos esse tópico mais adiante. Foram impressas, na época próxima ao lançamento, 24 mil exemplares da obra e ela foi largamente fotocopiada (LACOSTE, 2012).

Lacoste (2012) afirma que a segunda edição do livro, publicada em 1982, apareceu com um grande posfácio, pois, para ele, parecia importante republicar seu texto inicial e escrever sobre como seu modo de pensar mudou de 1976 para 1982. Na terceira edição, Lacoste (2012) alega que reintegrou ao texto inicial diferentes partes do prefácio de 1982 e também novas ideias, no entanto, lembrando ao leitor seus pontos de vista anteriores.

Por fim, no final de suas considerações sobre a terceira edição da obra, Lacoste (2012) afirma que na capa do livro está presente o geógrafo e historiador Heródoto segurando um revólver com um silenciador, o revólver está apontado para o planeta Terra e seu olhar, de acordo com Lacoste (2012), é inquietante, pois Heródoto enxerga coisas que os outros não veem.

No início da obra, Lacoste (2012) alega que todo mundo pensa que a geografia não passa de uma disciplina escolar e universitária sem utilidade nenhuma, a qual não há nada para entender, há apenas elementos para serem memorizados. Em algum momento a geografia poderia, para os alunos, ter servido para algo, mas eles pensavam que as revistas, os jornais e o cinema representavam bem mais as paisagens (LACOSTE, 2012). Entre todas as disciplinas ensinadas na escola, a geografia é a única que parece não ser dotada de nenhuma aplicação fora da sala de aula, o mesmo não acontecia com a história, por exemplo, que era vista como importante para auxiliar na “argumentação política”. Lacoste (2012) acredita que parte desse problema está na formação dos professores, pois nas universidades suas dificuldades pedagógicas são ignoradas e isso ocasiona, também, que os jovens questionem se a geografia é de fato uma ciência, pois estes estranham o acúmulo de elementos de outras disciplinas na geografia, como a geologia, economia política, climatologia e assim por diante.

Lacoste (2012) afirma que a geografia é um instrumento arrasador para os grupos ou indivíduos que detém o poder, pois, de acordo com ele, a geografia serve, em princípio, para fazer a guerra, fazendo uma referência explícita ao título da obra. Ou seja, Lacoste, ao fazer essa alegação, quer dizer que a geografia é utilizada por Estados para vencer guerras contra seus inimigos, utilizando recursos geográficos para auxiliarem em suas batalhas. É possível, utilizar elementos de cartografia e analisar a localização dos postos militares do inimigo, analisar o relevo e verificar em qual parte do território inimigo seria de mais fácil acesso e invasão, verificar seus recursos minerais e, com base nisso, tentar deduzir a força de suas infraestruturas, estudar sobre a agricultura local e atacar em um certo momento do ano no

qual a quantidade de alimentos colhidos é menor devido ao clima, para guerrear contra adversários com fome e assim por diante. A guerra da Indochina, de acordo com Lacoste (2012), foi marcante para a história da guerra e da geografia, pois pela primeira vez métodos de destruição e modificação do meio geográfico foram utilizados para destruir as condições geográficas indispensáveis à vida de milhões de pessoas.

Lacoste (2012) alega que as grandes corporações privadas também fazem a guerra utilizando a geografia, utilizando seus grandes aparelhos capitalistas e localizando os melhores locais para investimentos. O autor também afirma que a geografia não serve somente para fazer a guerra, serve também para organizar territórios, dividi-lo em províncias, departamentos, distritos e controlar as pessoas sobre as quais o Estado exerce sua autoridade. A geografia é um saber estratégico e não é essencial focar se ela é ou não uma ciência, desde que haja conscientização que ela é um saber estratégico (LACOSTE, 2012). Lacoste (2012) também afirma que “Se a geografia serve, em princípio, para fazer a guerra e para exercer o poder, ela não serve só para isso: suas funções ideológicas e políticas, pareçam ou não, são consideráveis”. Lacoste cita a palavra ideologia, algo que não tinha feito antes quando declarou que a geografia serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra, e isso nos leva a questionar se o sentido de guerra para o autor se refere apenas a batalhas militares ou se sua concepção de guerra também pode ser interpretada de outra forma.

Lacoste (2012) aponta que é sobre a carta que devem ser dispostas todas as informações precisas para a realização das táticas e estratégias e que a confecção de uma carta está relacionada ao domínio político e matemático do espaço que se quer representar, sendo um instrumento de poder sobre esse espaço e sobre os cidadãos que nele vivem. No capítulo que tratamos sobre a biografia de Yves Lacoste, afirmamos que seu pai se envolveu com a cartografia e que ela encantou o filho desde seus dez anos de idade, podemos verificar, então, que essa vocação e interesse se mantiveram ao decorrer da geografia de Yves Lacoste. Lacoste (2012) afirma que os mapas são reservados à minoria dirigente, sendo que nos Estados comunistas, as cartas em grande escala - aquelas que possibilitam ver estruturas mais de perto - são reservadas a poucos cidadãos que fazem parte do partido, utilizando como justificativa as possíveis ameaças externas caso os mapas caiam em mãos erradas. Tal confisco dos conhecimentos geográficos é devido, principalmente, a problemas relativos à política interna (LACOSTE, 2012). A atitude política de não produzir ou permitir a circulação de mapas para a população é uma espécie de censura, pois os habitantes do próprio país deveriam ter o direito de conhecê-lo melhor e não somente a partir dos mapas, mas também de dados estatísticos abertos e compartilhados. Essa política de censura aos mapas

enfraquece o poder popular, pois dificulta a organização de um protesto, de uma guerra contra o aparelho estatal ou de localizar lugares melhores para viver.

Nós nos encontramos agora em um certo dilema, pois a geografia é utilizada para fins militares e estratégicos, mas na escola, como afirmado anteriormente, é uma disciplina que, de acordo com os alunos, não serve para nada. Lacoste (2012) argumenta que a função tanto da geografia escolar como da geografia universitária era, principalmente, esconder dos alunos essa utilização militar da disciplina. Ou seja, a geografia era representada de um modo como se não servisse para nada e fosse focada apenas na memorização para mascarar os atos que o Estado praticava utilizando a própria geografia. Para essa geografia, de caráter enciclopédico e enumerativo com conteúdos sem ligação entre si - relevo, clima, vegetação e população - Lacoste (2012) dá o nome de “geografia dos professores”; para a geografia militar e política que é de origem antiga, estratégica, usada como elemento de poder, Lacoste (2012) dá o nome de “geografia dos Estados-Maiores”, afirmando até mesmo que “A geografia existe desde que existem os aparelhos de Estado” (LACOSTE, 2012).

Nos Estados que a população podia acessar os mapas havia um grande problema: a população não sabia ler essas cartas (LACOSTE, 2012), sendo esse um aprendizado essencial para pensar o espaço e nele poder combater a geografia dos Estados-Maiores. Como afirmado anteriormente, na geografia dos professores, a geografia era tratada como um saber enumerativo e de memorização. Desse modo, o pensamento espacial não era trabalhado e os estudantes não eram ensinados a ler mapas. Quando adultos, pode ser que tenham percebido que a ausência do ensino cartográfico diminuiu sua capacidade de fazer a guerra, de lutar por suas causas.

Lacoste (2012) faz um apontamento interessante sobre a distribuição de trabalhadores no espaço, pois de acordo com ele

na primeira metade do século XIX os capitalistas de Lyon encetaram uma verdadeira estratégia geográfica para quebrar a força política dos operários: o trabalho da seda, até então concentrado em Lyon, foi esfacelado num grande número de operações técnicas; eles foram disseminados por um grande raio, no campo: somente cada um dos mercantes-fabricantes sabia onde se encontravam seus ateliês. Com isso, os trabalhadores, dispersados, não podiam mais empreender ação conjunta. (LACOSTE, 2012, p.39).

A estratégia dos capitalistas é inteligente, pois dificulta a criação de sindicatos ou os enfraquece, e além disso apenas o fabricante-mercante sabia onde cada ateliê estava, fazendo com que seus funcionários perdessem parte da noção, com o objetivo claro de neutralizar a

força política dos trabalhadores de fazerem a guerra. Ainda sobre as fábricas, é interessante citar que os dirigentes das multinacionais investem ou retiram seus investimentos em várias regiões do mundo, a fim de tirar o melhor proveito dos diversos locais existentes (LACOSTE, 2012). Por exemplo, existem locais com leis ambientais frágeis, como a Somália, e uma certa fábrica pode se instalar nesse local sem se preocupar em ser duramente punida pelos danos ambientais que causa; existem locais com isenções fiscais, - como a Zona Franca de Manaus, que é uma região da cidade de Manaus - que contam com uma redução na carga tributária e/ou auxílios e incentivos para que as fábricas se instalem neste local e existem locais com uma mão de obra muito barata, como a China, em que a fábrica pode pagar um salário consideravelmente mais baixo para os funcionários do que pagaria se estivesse em um país no qual a população costuma receber salários mais altos, como na Suíça.

Lacoste (2012) aponta que na época em que grande parte da humanidade vivia no quadro da subsistência aldeã, quase todas as suas ações se realizavam em um pequeno e mesmo território, sendo que a representação do território era feita por experiência pessoal. Nessa época não era necessário a utilização de mapas, pois as pessoas habitavam regiões muito pequenas e tinham total controle mental e territorial sobre onde cada recurso ou infraestrutura se localizava. No entanto, de acordo com Lacoste (2012), os espaços foram se expandindo e a lembrança mental já não era mais o suficiente para o domínio de sua região. O imperador, argumenta Lacoste (2012), necessita ter uma representação total e precisa de seu império, tanto de suas estruturas internas como dos Estados que o cercam, sendo necessário possuir cartas em grande escala e cartas em pequena escala. As cartas em escala pequena são importantes para o imperador conseguir ver uma área maior e verificar, mesmo que de forma não tão detalhada, os impérios que estão ao redor do seu, gerando uma representação global; as cartas em escala grande são importantes para o imperador poder verificar de perto, principalmente, a situação de seu Estado, pois quanto maior a carta, mais detalhada ela é, permitindo a visualização de ruas, infraestruturas, vilarejos, recursos e assim por diante, fornecendo ao imperador informações precisas sobre o território que desejar, principalmente o seu.

Lacoste (2012) destaca que nos deslocamentos cotidianos de massa, as pessoas só conhecem bem dois lugares, o lugar de partida e o lugar de chegada, como por exemplo o lugar onde mora e o lugar onde se trabalha, ignorando o espaço transitado entre os dois locais e apenas considerando o tempo de trajeto. É interessante notar que isso acontece muito no Metrô de São Paulo, com as pessoas cotidianamente saindo de suas casas de manhã, indo até ao trabalho de metrô, e voltando para a casa à noite. Muitas pessoas desconhecem o espaço

que estão percorrendo enquanto transitam de casa para o trabalho e do trabalho para a casa, e isso pode ser um problema porque, quanto mais conhecemos os espaços de nossa cidade, mais repertório teremos para fazer nossas reivindicações aos governantes e sermos capazes de participar de decisões políticas locais, entender as desigualdades, verificar os públicos que têm acesso privilegiado a certas partes da cidade, compreender a ação do poder público ao qual estamos submetidos e assim por diante.

Nas palavras de Lacoste (2012), a população está míope, pois não consegue enxergar o espaço e ver os processos que nele ocorrem, sendo que essa miopia é uma grande vantagem para os poderosos da geografia dos Estados-Maiores, pois a dificuldade em ver o espaço e verificar sua dinâmica gera dificuldades para a população caso seja necessário um embate contra o Estado ou o agente privado dominante. Na visão de Lacoste (2012), essa miopia se manifesta também na leitura dos mapas, como afirmado anteriormente, pois a população que tem acesso a eles não consegue os ler, pois não tiveram aulas de geografia relacionadas à cartografia e ao pensamento espacial como um todo.

Em relação a própria geografia escolar e a falta do ensino de cartografia nas escolas, Lacoste questiona que

Vai-se à escola para aprender a ler, a escrever e a contar. Por que não para aprender a ler uma carta? Por que não para compreender a diferença entre uma carta em grande escala e uma outra em pequena escala e se perceber que não há nisso apenas uma diferença de relação matemática com a realidade, mas que elas não mostram as mesmas coisas? Por que não aprender a esboçar o plano da aldeia ou do bairro? Por que não representam sobre o plano de sua cidade os diferentes bairros que conhecem, aquele onde vivem, aquele onde os pais das crianças vão trabalhar etc.? Por que não aprender a se orientar, a passear na floresta, na montanha, a escolher determinado itinerário para evitar uma rodovia que está congestionada? (LACOSTE, 2012, p.53).

Esses questionamentos de Lacoste nos levam a lembrar da geografia dos professores, que tem um poder ideológico muito grande e contribui para que milhares de jovens pensem que a geografia é um saber inútil, enciclopédico, sem fins práticos fora da escola e baseado mais em decorar nomes e conceitos do que entender o espaço e seus processos. Além disso, os conhecimentos geográficos são apresentados de forma fragmentada aos alunos, há aulas de climatologia, hidrografia, demografia, urbanização e entre outras, sem que exista, na aula, um processo de interrelação entre todas essas áreas. Desse modo, os alunos afirmam, com certa legitimidade a partir de seu ponto de vista, que a geografia é uma

junção de vários conhecimentos diferentes sem relação entre si e que não serve para nada. Outras disciplinas, ao contrário da geografia, como física, química ou biologia, são apresentadas como disciplinas escolares que possuem fins práticos e são utilizadas na vida cotidiana (LACOSTE, 2012). A geografia escolar, então, serviria para algo? Do modo como ela é apresentada nas escolas, sendo enumerativa, descritiva, apolítica, - ao contrário da história - neutra e sem fins práticos, ela serviria apenas para duas coisas: ocultar a política existente na geografia dos Estados-Maiores e auxiliar o Estado a construir nos estudantes um sentimento de valorização nacional (LACOSTE, 2012), a partir do conhecimento dos rios, relevo, população, fronteiras, cidades e outros elementos da nação. Ou seja, a geografia é utilizada pelo Estado nas escolas para fomentar sentimentos patrióticos nos alunos. Logo, se a geografia dos professores serve, principalmente para mascarar a política dos Estados-Maiores e gerar certo nacionalismo nos alunos, podemos considerar que afirmar que a geografia serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra, é afirmar que a geografia também serve para criticar discursos pedagógicos enumerativos e despolitizados, que exigem apenas a memorização do indivíduo, ao invés de reflexão, como é proposto na geografia dos professores. Também podemos criticar a formação dos professores universitários que, conforme afirmado anteriormente, contam com dificuldades pedagógicas que são ignoradas quando estão em formação (LACOSTE, 2012). Também afirmamos anteriormente, com base em Lacoste (2012), que uma das funções da geografia universitária era, principalmente, esconder dos alunos essa utilização militar da geografia. Ou seja, o problema já começa na formação dos professores de geografia, que também passam pelo processo de um ensino enciclopédico, decorativo e que mascara a geografia dos Estados-Maiores. Esses professores, por sua vez, apenas reproduzem o que aprenderam em suas universidades, e o sistema se perpetua. O estabelecimento, de acordo com Lacoste (2012), da geografia dos professores como um saber sem finalidades práticas e despolitizado ocasionou na falta de vigilância a respeito dos geógrafos, os quais, em nossa concepção, também não se preocupavam em politizar e justificar a utilidade de sua disciplina porque não foram pressionados para tal.

Ao decorrer da obra, Lacoste (2012) cita e discorre seus pensamentos sobre Vidal de La Blache (1845-1918), importante geógrafo francês que será melhor apresentado no próximo capítulo e sobre a Escola de Geografia Francesa, que também será melhor apresentada no capítulo dois. Lacoste (2012) afirma que La Blache é conhecido por sua geografia regional, ou seja, por dividir os territórios em regiões e procurar as particularidades de cada região, diferenciando-as entre si, e também pela despolitização do discurso imposto pela Escola Francesa de Geografia, algo que causa uma incessante inquietação em Lacoste. A

Escola de Francesa de Geografia era uma corrente de pensamento - uma das mais antigas (LACOSTE, 2012, p.192) - que tinha como algumas de suas características levar em conta tanto os fenômenos físicos como os fenômenos humanos, dedicar importância aos raciocínios históricos, focar na formação de professores e buscar a cientificidade, sendo La Blache seu grande expoente (LACOSTE, 2012). La Blache mostra como as paisagens de uma certa região são o resultado da superposição ao longo da história das influências humanas e dos dados naturais, no entanto, o autor destaca com mais ênfase para as permanências e tudo que é de herança duradoura ou dos fenômenos naturais ou das evoluções históricas antigas (LACOSTE, 2012). Observamos que La Blache, ao destacar esses pontos, deixa de lado um aspecto que é fundamental para Lacoste, que são as disputas de poder. Toda paisagem ou região é formada por uma disputa de poder e possui uma hierarquia, com povos dominantes e dominados e o discurso de La Blache não parece levar em consideração tais disputas, considerando apenas a construção do espaço por parte do ser humano no decorrer da história e os aspectos naturais da região estudada, sem conflitos no decorrer do processo.

A geografia vidaliana, para Lacoste (2012), admite que só há uma forma de dividir o espaço, sendo que cada Estado é como a reunião de um certo número de regiões e cada região é descrita como uma entidade viva antiga, quase eterna. Essa ideia de região, de que existe apenas uma forma de dividir o espaço e que ele é separado por linhas simples e estáveis, com base na natureza ou por Deus, demonstra o poder da geografia dos professores (LACOSTE, 2012). Ou seja, essa ideologia vidaliana pode ser utilizada para camuflar a política, naturalizando desigualdades de certas regiões e os privilégios de outras, pois há, na visão de La Blache e de seus seguidores, uma estabilidade na região e que tal estabilidade foi construída há muitos anos em uma ação conjunta da população com a natureza.

A região-personalidade, de acordo com Lacoste (2012), garantiu a base de todos os geografismos proliferados na política. Os geografismos são quando atribuímos ações humanas a porções terrestres, como por exemplo: São Paulo lutou, a Espanha reivindicou, o Norte está em crise, a Noruega se enfraqueceu e assim por diante (LACOSTE, 2012). O grande problema dos geografismos é que eles causam uma generalização muito grande dos países e regiões, como se, no caso dos exemplos, a população inteira de São Paulo tivesse lutado, a população inteira da Espanha tivesse reivindicado, a população inteira do Norte estivesse em crise ou a que a população inteira norueguesa estivesse enfraquecida, causando uma percepção equivocada dos acontecimentos econômicos e políticos.

As críticas feitas por Lacoste (2012) a La Blache possuem também a finalidade de denunciar um modo de pensar o espaço que não engloba o verdadeiro raciocínio geográfico e

elimina sua importância estratégica. O discurso vidaliano se desenvolveu em um momento no qual os geógrafos se afastaram de qualquer reflexão relacionada à ação e aos fenômenos políticos. Ou seja, nesse momento, para muitos, politizar e atuar no espaço não era mais uma tarefa dos geógrafos.

A realidade da superfície do planeta Terra não é somente a que descreve o geólogo ou o economista, mas a combinação de todas essas representações parciais que permitem tomar conhecimento do globo (LACOSTE, 2012). A representação mais viável e científica do espaço não é a de uma simples divisão em regiões, em compartimentos sobrepostos, mas a de uma superposição de vários quebra-cabeças recortados e diferentes (LACOSTE, 2012). Ou seja, Lacoste não acredita que o mundo seja dividido em regiões com suas particularidades próprias e isoladas umas das outras, mas crê em uma conexão entre os vários elementos constituintes do planeta, sendo que a ausência ou o desequilíbrio de um pode afetar todo o sistema. Acreditamos, também, que para fazer a guerra, é necessário compreender essa interconexão e os elementos que a compõem. No entanto, um dos grandes problemas é que os professores de geografia, mesmo sem perceber, privilegiaram um ou outro conjunto espacial que em sua visão era mais importante ou determinante, o qual era frequentemente os conjuntos geológicos, em detrimento de contornos de regiões econômicas e áreas de influência das grandes cidades, que foram, na maior parte das vezes negligenciadas (LACOSTE, 2012).

La Blache, segundo Lacoste (2012), considerava cada região um dado de evidência e relata que o geógrafo vidaliano não se preocupa com ilusões ou visões equivocadas da realidade, ele não se questiona se enxerga a região de uma maneira por questões pessoais, pela influência de seus professores e assim por diante. De fato, é importante levar em consideração que vários geógrafos diferentes podem observar e interpretar uma dada região de formas muito diversas, caso contrário, não haveria discordâncias na bibliografia geográfica, e todos os autores formariam a mesma teoria, diminuindo a diversidade dos pensamentos geográficos existentes. Lacoste (2012) ainda aponta que quando observamos o fundo de um vale no solo e depois em um dos picos de uma montanha, nossa visão sobre os problemas daquele vale e dos problemas enfrentados pela população que lá habita irão diferir. Ou seja, Lacoste se opõe à La Blache afirmando que esse último apenas observa a região de uma forma, e considera essa forma como absoluta e verdadeira, sendo que observando em outras escalas geográficas nossa percepção sobre a região pode mudar radicalmente.

É primordial na investigação geográfica a escolha dos diferentes espaços de conceituação, ou seja, dos espaços que terão mais relevância e serão objeto de estudo do

geógrafo, para a realização de uma pesquisa (LACOSTE, 2012). No entanto, Lacoste (2012) afirma que tal atitude implica em considerar tais fenômenos e desconsiderar ou ocultar outros. Sendo assim, é importante que nos coloquemos em outros níveis de análise e realizar a articulação dessas representações diferentes (LACOSTE, 2012). Para fazer a guerra, também privilegiamos certos elementos em detrimento de outros, consideramos mais alguns fenômenos e por consequência imediata deformamos outros. Dessa forma, acreditamos que os Estados-Maiores ou uma população oprimida também buscam considerar diversas escalas de análise para poder identificar o máximo de elementos possíveis e realizar uma inter-relação entre eles. Lacoste (2012), criticando La Blache de forma implícita, afirma que é preciso notar que quando observamos um mesmo fenômeno em escalas diferentes, trata-se de fenômenos diferentes. Ao observar uma mesma montanha de perto e no solo e, depois, de cima e de longe, teremos percepções diferentes dela: observando de perto e no solo podemos notar indícios de erosão, desgaste no solo e uma cor marrom, observando no alto e de longe, poderemos notar o acúmulo de neve no cume, a cor branca, diferente da cor marrom da base, e um relevo mais estreito. Logo, fica claro que se trata de fenômenos diferentes.

O grande mérito de La Blache é o de ter apresentado, por meio de sua profunda análise das realidades regionais, a complexa rede das interações que se estabeleceram no decorrer da história entre os fatos físicos e humanos (LACOSTE, 2012). No entanto, Lacoste (2012) reforça que a descrição regional não reúne todos os elementos possíveis, ela é, na verdade, o resultado de escolhas muito estritas. A descrição das paisagens corresponde, de fato, a certo nível de análise, que considera principalmente as formas de relevo como a arquitetura fundamental dessas paisagens, mas tal nível de análise não permite apreender os problemas econômicos, sociais e políticos (LACOSTE, 2012). Então, entendemos que para Lacoste a geografia de La Blache fez uma escolha de um espaço de conceituação, que é o de privilegiar fatores naturais, principalmente as formas de relevo, e desconsiderando fatores econômicos, sociais e políticos. Desse modo, Lacoste apresenta La Blache como um geógrafo pouco interessado em temas referentes ao Estado.

Quando existe uma articulação dos diferentes níveis de análise, há a presença de um raciocínio estratégico, o qual não se limita aos militares, mas também é “eficaz, indispensável mesmo, em muitos outros domínios - na verdade, para todos os tipos de reflexões e empreendimentos desde que precisem considerar o espaço (...)” (LACOSTE, 2012, p.85). Quando verificamos um mesmo fenômeno, região, população ou situação por diversos níveis de análise, temos uma maior visualização das situações como um todo, facilitando nossos empreendimentos. No entanto, se os objetivos são complexos, articular os diferentes níveis de

análise pode ser uma tarefa difícil pois se trata de levar em conta os fatores geológicos, climáticos, pedológicos, sociais, demográficos, políticos e assim por diante, que se mesclam de maneira confusa por cada um possuir sua própria espacialidade (LACOSTE, 2012).

Lacoste (2012) afirma que, cerca de vinte anos antes da década de 1970, os geógrafos começaram a se preocupar com a falta de reflexão teórica nas universidades, e que a geografia física - formada pela geologia, climatologia, geomorfologia e entre outras - e a geografia humana - formada pela demografia, geografia urbana, geografia agrária e entre outras - cada vez se separaram mais na geografia universitária. É criticado, por Lacoste (2012), que os geógrafos, ao contrário dos profissionais de outras disciplinas, não definiram uma problemática para a sua disciplina e agiam como se o objetivo do geógrafo fosse, nas palavras de Lacoste (2012, p.89), “ (...) ler, sem problemas, ‘o grande livro aberto da natureza’”. Estabelecer uma problemática para a disciplina era fundamental, pois isso daria maior legitimidade à sua prática, tanto em sala de aula, onde muitos estudantes não viam sentido ou aplicação prática da geografia, quanto no diálogo com as outras disciplinas.

Inúmeros geógrafos se previnem de tratar de temas abstratos - como a epistemologia, reflexão sobre o conhecimento humano, da geografia - e tratam apenas de temas concretos, como o relevo ou a vegetação (LACOSTE, 2012). É surpreendente, de acordo com Lacoste (2012), que os geógrafos não tratem de temas abstratos, pois a ciência geográfica utiliza os conhecimentos de diversas outras áreas, sendo, por conta disso, muito complexa. Logo, compreender a problemática da geografia e de seus aspectos epistemológicos seria de grande valia. O geógrafo, de acordo com Lacoste (2012), extrai elementos de outras áreas do conhecimento na medida em que ele pode relacioná-los a um dado espaço que quer estudar, sendo que uma das finalidades da geografia é o estudo das interações entre os fenômenos analisados por ciências diversas umas das outras. Acreditamos que podemos compreender que, quando esses diferentes fenômenos das diferentes ciências interagem, eles formam um novo fenômeno, e tal fenômeno será estudado pelo geógrafo em questão.

Lacoste (2012) afirma que inicialmente, na institucionalização da disciplina, os geógrafos se preocupavam muito com a interação entre a geografia física e a geografia humana. No entanto, com sua crescente especialização, alguns só se preocuparam com a geografia física e outros somente com a geografia humana. Dessa forma, os geógrafos se mostraram contraditórios e, além disso, a especialização da geografia enfraqueceu a guerra. Para fazer a guerra, ao nosso ver, é necessário unir a geografia física e a geografia humana, pois desse modo forma-se um maior conhecimento e repertório sobre o alvo a ser atingido.

A geografia possuía um caráter político com a geografia dos Estados-Maiores, mas perdeu essa característica com o poder do discurso vidaliano, havendo, desse modo, a transformação de um saber político em um discurso que nega a política (LACOSTE, 2012). O autor afirma que até o fim do século XIX, a geografia era percebida como um saber político e indispensável aos dirigentes do Estado, no entanto, a partir de La Blache a geografia torna-se descritiva e exclui suas referências políticas, com a justificativa de que, para ser considerada uma ciência, não deveria falar sobre política, e até mesmo que estudar a política não é estudar geografia (LACOSTE, 2012). Para Lacoste (2012), La Blache não foi o primeiro grande geógrafo da França, e sim Elisée Reclus (1830-1905), pensador anarquista que considerava o Estado como espaço de conceituação e dá um lugar de destaque para as indústrias, para as cidades e para os problemas econômicos, sociais e políticos, pois a geografia tem a capacidade de colocar tais problemas em evidência e revelar sua importância. Percebemos nessa parte da obra de Lacoste que o autor possui uma admiração muito grande por Reclus, e deduzimos que essa admiração é explicada, principalmente, pelo fato de Reclus ser um geógrafo que tratava enfaticamente de assuntos políticos. Reclus, em nossa interpretação, via a geografia como uma arma para lutar contra a opressão dos Estados-Maiores, uma espécie de poder que poderia ser utilizado, explicitando e replicando por todo o território de que forma está acontecendo a opressão, possibilitando um maior poder de reação popular.

O número de professores de geografia nas faculdades era pequeno, e o sistema de cátedras - modo de organização do ensino e da pesquisa em torno de disciplinas específicas, lideradas por um professor - dava o monopólio a cada professor de certo campo da geografia, e esse sistema limitava as divergências de opinião (LACOSTE, 2012). O autor também cita que há muito tempo a história é polêmica, que há crítica das fontes; discordâncias de explicação e assim por diante (LACOSTE, 2012). Compreende-se que Lacoste enxerga as divergências de opinião com bons olhos, pois pensamentos diferentes entrando em contato uns com os outros podem gerar bons resultados, e isso faz falta na geografia. Um pesquisador pode ter notado algo que o outro pesquisador não notou, um estudioso pode ter visto o mesmo fenômeno que outro estudioso viu e o interpretar de uma forma diferente. Quando as opiniões divergem, as pessoas aprendem umas com as outras e observam as situações de uma forma que não tinham observado antes. Lacoste (2012) ainda afirma que o progresso da história e das ciências sociais se deve, em grande parte, pela luta de classes. Essa afirmação tem sentido, pois a partir dos debates e divergências políticas na história e nas ciências sociais, compreendemos as desigualdades e as constantes lutas dos dominados contra os dominantes, que estruturam todo o restante da sociedade e de seu funcionamento, pois os

dominantes regem a forma como o espaço será administrado e suas infraestruturas - ou seja, controlam a política, o fluxo de pessoas, a localização delas, a construção de fábricas, os investimentos e assim por diante - e os dominados produzem para os dominantes, mas com suas formas de resistência e também participando da construção do espaço e de suas infraestruturas, com a criação de sindicatos, associações de bairro, com a autoconstrução da moradia e assim por diante.

Lacoste (2012) critica o modo como os historiadores, economistas e sociólogos utilizam argumentos geográficos em suas próprias áreas de conhecimento, pois a linguagem geográfica é cada vez mais utilizada, mas sem o devido cuidado. Os termos “país” e “região”, por exemplo, são utilizados sem cautela, o que pode causar consequências no raciocínio pretendido. Ademais, os dados geográficos são vistos por esses profissionais como “neutros” ou “objetivos” (LACOSTE, 2012), algo que, para o autor, não é verídico, pois estão carregados de ideologias e política.

Como falamos sobre os argumentos geográficos, é interessante mostrar que, para Lacoste (2012), o que é geográfico e o que não é vai ser decidido pelo agente que está em posição de poder, pois este pode afirmar que os fatos ou situações que o prejudicam não são geográficos, e também pode afirmar que os fatos ou situações que o beneficiam são geográficos. Ou seja, definir o que é geográfico e o que não é geográfico não é uma tarefa neutra, existe uma ideologia por trás que fará parte da decisão, e essa ideologia é política, ou seja, a política está presente na geografia, independentemente de se reconhecer isso ou não.

Ainda falando sobre política, a geografia nas universidades, principalmente na França, berço de grande influência vidaliana, rejeitou a política desde seus primeiros passos para se legitimar como ciência, como se falar sobre política pudesse desacreditar a ciência (LACOSTE, 2012). A história, assim como a geografia, também tinha preocupações científicas, como a objetividade, mas não deixava de tratar de assuntos políticos (LACOSTE, 2012) e a geografia poderia fazer o mesmo.

Lacoste (2012) faz um apontamento extremamente interessante na página 109 de sua obra: ele afirma que quando escreveu esse livro, atribuía a causa da exclusão dos fenômenos políticos da geografia ao La Blache e sua influência, mas que após sua morte, leu uma outra obra do autor que modificou um pouco seus pensamentos e o fez atenuar, de certa forma, suas críticas. Lacoste (2012) afirma que a obra em questão é “*A França de Leste (Lorena-Alsácia)*”, publicada em 1916. Trata-se de uma análise geopolítica que traz consigo o papel das diversas burguesias urbanas, das diferentes estratégias de industrialização e a origem dos capitais das regiões de Alsácia e Lorena. Lacoste (2012) alega que La Blache,

nesta obra, busca justificar o porquê a Alsácia e a Lorena, anexadas pelo império alemão em 1871, devem ser anexadas à França: La Blache explica que os alemães argumentam que a maior parte das duas regiões é de fala e cultura germânicas e que, por isso, deveriam pertencer à Alemanha; mas os franceses argumentam que a língua e a cultura não são os únicos aspectos que devem ser levados em conta, pois deve-se considerar também as características econômicas, sociais e políticas de uma população e suas relações com um ou outro centro político, e no caso há uma forte relação da Alsácia e da Lorena com a França, citando que na Revolução Francesa (1789) essas duas províncias periféricas - que na época pertenciam à França - passaram por maiores transformações econômicas e sociais do que em outras regiões francesas.

La Blache também cita o importante papel da população dos alsacianos e dos lorenos na luta revolucionária, sendo que a Revolução Francesa (1789) selou a união da Alsácia e da Lorena à França (LACOSTE, 2012). Os alemães, por sua vez, rebatem alegando que desde 1871, quando esses territórios foram anexados, houve grandes transformações nessas duas regiões em litígio, principalmente no que se refere à industrialização, mas os franceses alegam que a industrialização na região começou bem antes de 1871 (LACOSTE, 2012).

Em suma, apesar da influência que La Blache possui, “*A França de Leste (Lorena-Alsácia)*” é muito desconhecida pelos geógrafos franceses, pois próximo a data de sua publicação as duas regiões já estavam anexadas à França, então provavelmente os geógrafos franceses imaginaram que essa obra estava ultrapassada (LACOSTE, 2012). Esse trecho do livro de Lacoste, no qual ele cita “*A França de Leste (Lorena-Alsácia)*” é muito importante, pois mostra as mudanças realizadas entre as diferentes edições da obra. Lacoste afirmou que não tinha lido esse livro de La Blache quando escreveu “A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”, então é provável que suas críticas ao La Blache nesta terceira edição do livro tenham sido menores do que na primeira edição. Além disso, é possível notar nesse livro de La Blache uma grande guerra de narrativas, com franceses e seus argumentos de um lado e os alemães e seus argumentos de outro, ambos usando como base a geografia para expor seus pontos de vista, pois utilizam no debate fatores como a cultura, a industrialização, a política, a economia e assim por diante. Todos esses elementos fazem parte da geografia e estão sendo explicitamente utilizados para resolver um litígio territorial, questão também intrínseca à geografia.

Lacoste (2012) aponta que a geografia recebia diversos ataques, principalmente da sociologia, mas não revidava, sendo que o próprio Lacoste não entendia o motivo da falta de reação. Os sociólogos criticavam a geografia em uma espécie de luta por influência, mas não

apenas por isso: a postura agressiva dos sociólogos com a geografia se manifestava desde o momento em que os geógrafos analisaram de forma crítica a sociologia, alegando, por exemplo, que essa ciência se apoia e se refere, muitas vezes sem perceber, aos conhecimentos espaciais advindos do ensino secundário e da geografia-espetáculo, aquela espécie de geografia que representa paisagens na televisão e nos jornais (LACOSTE, 2012). Nessa desavença entre sociólogos e geógrafos, Lucien Febvre, influente historiador francês, assume protagonismo se colocando como defensor da geografia nessa situação (LACOSTE, 2012). Porém, para que isso fosse feito, era necessário a formulação de uma “geografia humana modesta”, ou seja, que não tratasse de assuntos políticos ou militares, pois não era razoável, para Febvre, que a geografia ameaçasse a hegemonia que os historiadores exerciam sobre o discurso que trata do político e dos fatores que se referem ao Estado (LACOSTE, 2012). Febvre, inclusive, não cita nem faz alusões sobre o livro de La Blache “*A França de Leste (Lorena-Alsácia)*”, pois tem conhecimento da obra e sabe da qualidade de seu raciocínio geopolítico (LACOSTE, 2012), então, acreditamos que Febvre imaginou que divulgá-lo seria uma forma de fortalecer a geografia e mostrar que os geógrafos também são qualificados para falar sobre política ou sobre as questões militares. Em 1913, La Blache escreve que “a geografia é a ciência dos lugares e não a dos homens”, sua ideia era fazer uma crítica aos geógrafos que reproduzem os discursos dos sociólogos ou dos economistas, não levando em conta as questões espaciais (LACOSTE, 2012). No entanto, Lacoste (2012) afirma que foi uma fala infeliz, desconsiderando o papel humano na construção do espaço. Febvre vai aproveitar essa frase e utilizá-la sempre que possível para desacreditar a geografia, alegando que seu papel era tratar de aspectos como o solo, relevo ou o clima, e não de aspectos referentes à humanidade (LACOSTE, 2012).

A geopolítica, que foi muito bem estudada na obra “*A França de Leste (Lorena-Alsácia)*”, de acordo com Lacoste (2012) é um grande tabu entre os geógrafos, pois esse termo, para os geógrafos, estava, para muitos, relacionado ao expansionismo de Hitler (LACOSTE, 2012). A corporação dos geógrafos rompia com aquilo que havia sido uma das razões de ser da geografia, como sua função política, e faz isso sem apresentar justificativas (LACOSTE, 2012). A geografia, em nossa interpretação, deixou naquela época, séculos XIX e XX, diversas questões em aberto, como a falta de reação quando recebeu diversas críticas dos sociólogos e a falta de justificativas plausíveis para negligenciar a política. Os geógrafos alegavam buscar a cientificidade e o reconhecimento das outras ciências, mas a história já possuía ambos e tratava sobre questões políticas, então essa justificativa dos geógrafos da época não tinha, em nossa visão, respaldo o suficiente. Lacoste (2012, p.126) afirma

categoricamente que “a redução do campo da geografia humana não é acompanhada de uma análise mais aprofundada dos fenômenos aos quais os geógrafos se limitaram, desde então, os seus interesses”. Então, a geografia se enfraqueceu a certo ponto que eliminou a política, mas mesmo assim não conseguiu fortalecer as outras áreas em que focou. Por que isso ocorreu? Podemos imaginar que pode ter ocorrido pela própria retirada da política dos raciocínios geográficos, pois tudo é política: o modo como as pessoas estão espalhadas no território, as fontes de energia e como são utilizadas, as chuvas e sua interferência na vida cotidiana, a vegetação e sua degradação, a geografia agrária e a distribuição de terras, qualidade das colheitas e sua produtividade e assim por diante. A política é um laço que permeia todas as relações presentes no espaço terrestre, principalmente na geografia humana. Logo, se retiramos ela de nosso campo de estudo, ela vai se enfraquecer.

Lacoste (2012) questiona se é possível explicar a recusa da geopolítica pelo fato de as universidades formarem geógrafos do tipo pedagógico, mas logo descarta, afirmando que muitos historiadores também são formados para entrar em uma sala de aula e não descartam a geopolítica de seus discursos. Por fim, Lacoste (2012) admite que não consegue obter nenhuma explicação racional para tal rejeição dos problemas geopolíticos pelos geógrafos universitários. Em nosso trabalho, acreditamos na ideia, citada anteriormente, de que muitos geógrafos associaram a geopolítica diretamente às estratégias nazistas, esquecendo que ela também pode ser utilizada, por exemplo, para povos colonizados se libertarem ou para um Estado se defender quando for atacado por outro (LACOSTE, 2012).

Para superar essa aversão à geopolítica é necessário que o geógrafo tenha grandes motivações, como foi o caso de Elisée Reclus, que desejava colocar suas ideias na geografia e denunciar a injustiça e a opressão em todo o mundo; e Vidal de La Blache, conservador patriota que desejava recuperar para a França os territórios de Alsácia e Lorena (LACOSTE, 2012). Ambos lutam fortemente por seus discursos e utilizam a geografia como arma, mas suas obras são esquecidas por muitos geógrafos: o livro de La Blache é ignorado por boa parte deles por ser considerado ultrapassado, como afirmado anteriormente; e o de Reclus também é, mesmo por parte da esquerda, por conta do autor ser adversário de Karl Marx (1818-1883) (LACOSTE, 2012).

Ao final do capítulo 14, próximo da metade da obra, é dito que

É cada vez mais necessário mostrar a complexidade das situações, salientar que é simplista, ineficaz e perigoso pretender que o mundo seja dividido em algumas enormes entidades maniqueístas, como fazem acreditar os discursos sobre as relações Norte-Sul e os conflitos Leste-Oeste. Os geógrafos devem fazer a crítica

dessas alegorias espaciais de envergadura planetária e mostrar que, para ter uma representação mais eficaz do mundo, é preciso levar em consideração os diferentes níveis de análise e, para cada um deles, a complexidade das intersecções entre os múltiplos conjuntos espaciais. Eis aí a tarefa dos geógrafos! (LACOSTE, 2012, p.132).

Lacoste acredita, com base nessa citação, que dividir o mundo de forma reducionista e dicotômica, sem considerar vários níveis de análise, olhando a situação por apenas um ângulo e não considerando a intersecção dos fatos ou situações pode levar o geógrafo a grandes equívocos. É papel do profissional, então, fazer a crítica a esse tipo de regionalização equivocada e maniqueísta do espaço terrestre e da representação de forma simplista. O geógrafo trabalha com o espaço terrestre, então acreditamos que é cabível que ele tenha legitimidade e o dever de criticar o espaço e sua regionalização, ou seja, o modo como ele está dividido, a forma como ele é representado, além dos discursos sobre ele. O geógrafo não deve ser passivo no espaço, deve ser atuante nele, deve criticar, ele tem conhecimento para verificar, por exemplo, a atuação da geografia dos Estados-Maiores e divulgar a opressão realizada, ele tem repertório para explicar a complexidade das situações, como um terremoto, uma crise econômica, uma tempestade e uma transição de regime político, mas o mais importante é que ele não seja um geógrafo passivo, mas que seja crítico e militante, utilizando, desse modo, seu conhecimento para o bem comum.

Lacoste (2012) apresenta a relação da geografia com os marxistas no capítulo 15, afirmando que até 1960 os seguidores de Marx não haviam se preocupado com a geografia. Na União Soviética, por exemplo, se considerava que a geografia deveria focar seus estudos nas ciências naturais, pois acreditavam que a geopolítica era uma prática nazista. O próprio Marx falou, em algumas vezes, dos problemas relativos ao espaço em algumas de suas obras, principalmente em seus estudos sobre as questões militares - que são, inclusive, mais uma prova da função estratégica da geografia - e também focou sua atenção aos problemas das relações entre a cidade e o campo (LACOSTE, 2012). Acreditamos que essa pouca referência de Marx ao espaço se deve ao fato de que esse autor realça em seus estudos a luta de classes sem diferenciar como ela seria realizada em regiões diferentes. Em cada parte do globo, a revolução precisaria ser feita de uma maneira mais específica, pois, por mais que existam dominantes e dominados ao redor do planeta, as formas de dominação são diferente, assim como os modelos políticos, as infraestruturas das cidades, os meios de produção, - algumas cidades são mais agrícolas, outras são mais industriais, outras mais comerciais - a forma como a população está distribuída no território, o acesso ou não aos mapas que é um

importante instrumento estratégico e assim por diante. Logo, Marx pouco foca em todos esses aspectos, tratando a luta de classes de uma forma mais geral e internacional, reconhecendo que ela não é homogênea no espaço terrestre. Além disso, esses conjuntos de opressores e oprimidos são cartografados com muita dificuldade (LACOSTE, 2012).

Em uma de suas principais obras, *O capital*, Marx se precipita ao utilizar metáforas como “centro” e “periferia” (LACOSTE, 2012). Como já discutido anteriormente, essas alegações simplificam e generalizam o espaço geográfico, e é necessário levar em consideração os diferentes níveis de análise e as intersecções entre os diversos conjuntos espaciais. Gramsci (1891-1937), - filósofo italiano prestigiado pelos marxistas - por sua vez, dá maior ênfase à geografia através de sua explicação sobre a história da unificação italiana, realizada em 1861 (LACOSTE, 2012). Em nossa visão os escritos de Gramsci fazem sentido, pois é impossível explicar um processo de unificação sem considerar a geografia. Quando pensamos em unificar diversos territórios em um só, automaticamente estamos pensando no espaço. Pensamos em qual das províncias será a capital do novo Estado, como será realizada a divisão territorial do trabalho interna, ou seja, o que cada região vai produzir e como ela irá contribuir para o crescimento do novo Estado, pensamos nos novos modos de controlar as fronteiras e até mesmo nas relações com outras regiões ou Estados, que irão mudar radicalmente, pois negociar ou batalhar com um Estado menor pode ser bem mais simples do que fazer o mesmo com um Estado maior, unificado com diversas províncias e que, por consequência, possuirá uma maior área e muito provavelmente uma maior disponibilidade de recursos minerais, como ferro, calcário, petróleo, carvão e entre outros.

Voltando a Marx, Lacoste (2012) alega que seu silêncio ao se tratar de geografia é difícil de ser explicado, pois em sua época os problemas espaciais já eram primordiais nos planos e preocupações políticas de militares prussianos e que a geografia já estava presente na Universidade de Berlim, sendo que Marx é um pensador de origem alemã (LACOSTE, 2012). Para os pensadores marxistas, o primordial do debate político é o tempo e só raramente são feitas referências ao espaço, o que é contraditório pois é no espaço onde se enfrentam os oprimidos e opressores (LACOSTE, 2012). Não existe nenhuma luta política que esteja fora do espaço, todo enfrentamento entre dois grupos, empresas, instituições ou Estados se dá em um certo tempo, mas também em uma certa localidade, e essa localidade faz diferença na luta: ela pode influenciar um grupo em detrimento do outro caso um deles conheça melhor o espaço; pode gerar maiores desastres no enfrentamento caso a organização espacial contribua para isso, como em relevos planos, os quais o contato entre frotas diferentes é mais direto do que em relevos irregulares e montanhosos e afins.

Existem geógrafos marxistas, mas a maior parte deles não leva em consideração se o que estão fazendo é de fato “geografia” e pensam que, embora, suas explicações sejam aproximadamente geográficas, são uma oportunidade de aludir ao marxismo, e que isso é necessário em um ambiente tão despolitizado como é o da a geografia (LACOSTE, 2012). No entanto, apesar das duras críticas, Lacoste (2012) elogia que os geógrafos marxistas tenham se referido a inúmeros textos os quais Marx explorou os problemas fundiários, às cidades e as relações da cidade com o campo. No entanto, os geógrafos chegam muito tarde especificamente aos estudos urbanos e não são os únicos a se ocuparem a tais estudos, pois os sociólogos e urbanistas, mais numerosos por sinal, também estudam os fenômenos urbanos (LACOSTE, 2012). Por mais que todo fenômeno ou situação estejam instalados em um espaço determinado, é possível focar a análise de uma cidade em diversas óticas diferentes de acordo com o que se pretende estudar, então outros profissionais, como os citados acima, também focaram nas pesquisas urbanas.

No entanto, Lacoste (2012) afirma que os sociólogos tiveram dificuldade com a “produção” dos variados espaços sociais e mentais e que os economistas fazem uma economia espacial. Porém, ainda acreditamos que, por mais que tivessem dificuldades, ambos conseguiram focar no estudo das cidades de forma mais específica de acordo com sua área, pois caso o contrário não haveria diferença nenhuma entre sociologia, economia e geografia. Além disso, é impossível que uma estrutura tão complexa, como uma cidade, seja estudada apenas por uma ciência, como a geografia, e que por mais que a geografia deva ser levada em conta, ela não será o foco principal dos sociólogos e economistas.

Lacoste (2012) acredita que certas disciplinas que eram mais influentes, como a história ou a sociologia, se apoderaram dos problemas espaciais e que essa é a causa principal da crise instaurada na geografia. Para explicar essa crise, Lacoste (2012), no início do capítulo 17 da obra, apresenta a “geografia aplicada”, que durou até o fim do século XIX nos países novos, - aqueles que recentemente conquistaram sua independência - afirmando que ela é utilizada pelo Estado para criar os percursos das estradas, das ferrovias ou formar as cidades, Lacoste também alega que

Sempre acontece que as pesquisas de geografia aplicada são direta, ou indiretamente, função de “problemas”, de “dificuldades”, de “mal-estares”, de “desequilíbrios”, que se trata para o governo de resolver, de transpor. É de notar que essas pesquisas não são, diretamente, uma tarefa dos burocratas, dos políticos ou dos práticos, mas são da alçada dos “especialistas”, geógrafos (transformados, às vezes, em planejadores espaciais) que têm um estatuto de “cientistas”. Esses são, numa grande proporção, externos aos organismos políticos e administrativos, para

quem esses estudos são realizados, e que terão, ao menos em princípio, de tomar decisões, em consequência (LACOSTE, 2012, p.158).

A partir desse trecho, interpretamos que a geografia aplicada é um modo mais específico de fazer geografia no qual o Estado, por intermédio dos geógrafos, atua diretamente no espaço para solucionar obstáculos que estão dentro de seu território. Por último, notamos que esses geógrafos obtiveram a alcunha de cientistas mesmo tratando de temas políticos, refutando o que diziam os geógrafos vidalianos, os quais afirmavam que não poderiam fazer política para serem considerados cientistas. No entanto, Lacoste (2012) afirma que esses geógrafos não têm o poder de tomar decisões, apenas fazem o estudo político solicitado. Finalmente, o autor começa a falar sobre a crise da geografia, alegando que o planeta passa por uma crise global, mas que adquire características diferentes de acordo com os diversos lugares do globo. Trata-se de uma crise multissetorial, envolvendo as seguintes questões: a destruição do meio ambiente como resultado de um grande crescimento industrial, que polui a atmosfera, gera muitos resíduos e entre outras consequências; o aumento do inchaço das aglomerações urbanas nas quais se concentram tanto os bens como os serviços e as populações; o agravamento das desigualdades entre as pessoas que vivem em diferentes partes do mundo, entre os quais as relações de subordinação cada vez mais aprofundadas; o confronto direto ou indireto entre grandes potências que buscam ampliar o espaço sobre os quais exercem a sua hegemonia e que possuem um grande poder de destruição; a deterioração das potencialidades de culturas permanentes - plantações que permanecem no solo por vários anos - nas partes do planeta onde vivem a maior parte da humanidade e entre outros (LACOSTE, 2012). A atualidade do pensamento de Lacoste é expressiva, pois muitos dos problemas que ele relatou em sua obra de 1976 estão presentes até os dias de hoje. O autor acredita que essa crise deu seus primeiros passos na Revolução Industrial (LACOSTE, 2012) e acreditamos que sua afirmação é justificada pelo fato do lixo e da poluição geradas pelas grandes fábricas, pela exploração da mão de obra, do aumento das desigualdades, da degradação de certas culturas permanentes e entre outras. Além da crise ambiental e social mencionada, é importante destacar que a Geografia enfrenta uma crise interna igualmente significativa. Cada vez mais cursos de Geografia são reduzidos ou mesmo descontinuados nas universidades; no ensino básico, surgem ameaças recorrentes de retirada da disciplina da grade curricular. Soma-se a isso um processo mais amplo de deslegitimação da ciência, que afeta diretamente o campo geográfico e limita seu papel social.

Lacoste (2012) afirma que para solucionar esta crise, os geógrafos realizaram pesquisas separadamente em uma série de regiões diferentes sobre os diversos problemas. Esses problemas atingem uma área cada vez maior do globo, mas não de maneira uniforme, pois cada local pode sentir os sintomas da crise de uma forma diferente de acordo com suas características (LACOSTE, 2012). No entanto, Lacoste (2012) postula que em determinadas porções do espaço, há também transformações positivas como a diminuição da mortalidade e das doenças, os avanços da alfabetização, as modernizações científicas e técnicas; a independência conquistada por diversos povos colonizados e assim por diante. Lacoste (2012) aponta que os geógrafos que contribuem para a compreensão dessa crise de caráter global não se preocupam ou possuem motivações científicas, mas demonstram preocupações políticas e a vontade de serem úteis à população, de utilizarem seu conhecimento para tentar solucionar a crise e transformar o mundo em um lugar melhor.

Atualmente, afirma Lacoste (2012), o saber é uma forma de poder, e todas as questões que dizem respeito à análise espacial devem ser consideradas perigosas, porque a geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra. Com esse apontamento, acreditamos que Lacoste demonstra que fazer a guerra não é sinônimo somente de realizar batalhas militares, mas também de realizar batalhas intelectuais a partir da capacidade de analisar o espaço e, por conseguinte, de poder criticar práticas que nele estão sendo realizadas e argumentar a favor ou contra tais ações realizadas, de poder perceber as desigualdades nele presentes, as mudanças climáticas, os fatores geológicos, demográficos e inter-relacionar todos eles, possuindo um domínio espacial que legitime a criticidade dos diversos fenômenos sofridos pelo globo e no globo, e guerreando, militando ou escrevendo e publicando materiais contra os discursos e práticas que ferem, de qualquer forma que seja, o espaço terrestre e as pessoas que nele habitam.

No capítulo 16, Lacoste (2012) introduz um novo país em sua obra: Os Estados Unidos. De acordo com o autor, o país produziu, sobretudo no século XX, uma geografia que não tinha como foco principal a formação de professores, e canalizou sua atenção na “geografia aplicada” (LACOSTE, 2012). Os Estados Unidos, conforme o autor, propõe contratos de pesquisa aos geógrafos e os providenciam tudo que for necessário, assim como o acesso a informações confidenciais, para a realização do trabalho solicitado (LACOSTE, 2012). Outros países do mundo parecem acompanhar esse movimento, pois na França o número de pesquisas de geografia aplicada cresceu muito, mas elas não detêm os mesmos recursos da geografia estadunidense (LACOSTE, 2012). Isso pode ser explicado, porque Lacoste escreveu o livro durante a Guerra Fria (1947-1991), período no qual os Estados

Unidos detinham muito poder a fim de ampliar o capitalismo e sua influência por todo o planeta. Lacoste (2012) afirma que o geógrafo apenas junta os conhecimentos necessários para a realização das estratégias de planejamento de território e meios de ação, os quais são decididos pela política. É interessante notar que a geografia se mostra, ainda mais, como um conhecimento extremamente útil para os Estados, contrariando o pensamento dos estudantes nas escolas, que acreditavam que a disciplina era inútil, sem aplicações práticas, enciclopédica e desnecessária. Os alunos, caso tivessem acesso à “geografia aplicada” veriam, principalmente, que ela não é neutra, e é usada por diferentes nações para atingir diferentes objetivos, usada como arma de proteção, como o auxílio nos discursos diplomáticos, como repertório para denúncias de abuso por parte do Estado, como a própria ação no território e assim por diante.

Nos países em que as geografias escolar e universitária não se desenvolveram de forma considerável, como os Estados Unidos, “as necessidades da pesquisa em geografia aplicada conduziram, em boa proporção, a um conjunto de reflexões e de trabalhos teóricos que, cedo, foi batizado de “New Geography” (LACOSTE, 2012, p.149). Essa nova geografia, próxima das ciências exatas, também chamada de “geografia quantitativa”, tem como base uma complexa construção de um modelo matemático avançado, sendo assim, essa geografia fornece um número considerável de dados estatísticos separados de acordo com o espaço e o tempo, necessitando de computadores avançados (LACOSTE, 2012). Por um lado, podemos entender, a geografia quantitativa como o ápice da neutralidade política, ainda mais do que a geografia tradicional, pois ela vai de forma incisiva contra tudo que Lacoste defende: uma geografia crítica, politizada, atuante, militante, instrumento de denúncia e que serve de recurso à população contra a exploração. Por outro, é interessante fazer um paralelo com o momento atual e apontar que podemos estar vivendo uma nova era da geografia quantitativa, ou new geography, sendo que na própria Universidade de São Paulo (USP) cresce o número de estágios na área e de estudantes interessados por esse campo da geografia, algo que não é necessariamente maléfico, visto que é possível fazer uma geografia quantitativa crítica e progressista, por exemplo apontando por mapeamento o número e a localização de bairros sem saneamento básico na cidade de São Paulo ou mapeando as regiões que mais sofrem com os danos das tempestades. A geografia aplicada precisa de dados estatísticos e informações exatas para poder intervir no território, para entender de forma mais exata, por exemplo, fatores como os fluxos diários da população de uma determinada região; e a geografia quantitativa perde quase toda sua utilidade sem a geografia aplicada, pois não há necessidade de coletar dados estatísticos que não serão utilizados para nada.

Lacoste (2012) afirma que a geografia aplicada, assim como a geografia quantitativa trabalhando em conjunto com ela, proletariza os geógrafos. Ou seja, os geógrafos vendem sua força de trabalho às grandes corporações e ao Estado e são dominados por esses dois últimos.

De todo modo, geógrafos deveriam notar que eles poderiam utilizar seus conhecimentos para fazer a guerra contra a penosa exploração que sofrem, pois, como disse o próprio Lacoste anteriormente, a geografia não tem que ser utilizada apenas como arma pelos grupos poderosos, mas também contra eles próprios, porém os geógrafos acreditavam que a pesquisa aplicada fornecia a eles uma possibilidade de se sentirem úteis (LACOSTE, 2012). Ademais, muitos geógrafos migraram para a geografia aplicada para não serem mais professores e terem outros interlocutores que não fossem os estudantes, e a geografia quantitativa, ainda mais prestigiada, teria um número maior de adeptos se não fosse a dificuldade em relação à matemática.

Muitos geógrafos, pelos termos do contrato assinado com o Estado ou corporação, não tinham mais liberdade para conduzir a pesquisa como queriam nem de divulgar seus resultados, esses últimos pertencerão ao contratante que a partir desse momento possuem o direito de manter os resultados secretos ou de anunciá-los caso queira. Alguns trabalhos de geografia aplicada são publicados, mas esse número é muito pequeno (LACOSTE, 2012). Os geógrafos são separados, cada um trabalha para um agente diferente, e não mantém mais contato entre si (LACOSTE, 2012). Com isso, a geografia aplicada pode desencadear uma grande crise na geografia, pois as discussões, tão importantes para o próprio Lacoste como afirmado anteriormente, irão diminuir consideravelmente, assim como o poder de criar associações, sindicatos ou entidades políticas vai se enfraquecer também, separar os geógrafos é uma forma de enfraquecer profissionais que possuem em suas mãos um conhecimento de grande valor e potencial geopolítico e estratégico no globo inteiro.

A pesquisa na geografia aplicada coloca o pesquisador em uma situação na qual ele perde, na maioria das vezes, todos os direitos dos frutos de seu trabalho e, ainda mais preocupante, alguns pesquisadores não são informados para que sua pesquisa será utilizada (LACOSTE, 2012). Isso é muito grave, pois o geógrafo pode estar contribuindo para um bombardeio, para um confronto militar, para oprimir civis, para dividir a população de um modo que dificulte revoltas populares, para agravar os problemas ambientais e assim sucessivamente. Lacoste (2012) alega que os poucos trabalhos de geografia aplicada que foram publicados se beneficiaram muito, pois a pesquisa chegou em um número muito maior de pessoas e tais trabalhos foram muito bem-vistos, pois contaram com o auxílio de agentes públicos ou privados que forneceram equipamentos de qualidade, acesso a documentos

importantes e assim por diante. No entanto, essa situação desqualificou os trabalhos dos geógrafos universitários, que não detinham os mesmos equipamentos de qualidade, o mesmo acesso a documentos relevantes nem o poder de alcançar um maior número de pessoas (LACOSTE, 2012). O autor critica, um pouco depois na obra, que em outras áreas como física, química ou eletrônica, as pesquisas realizadas são frequentemente publicadas, ao contrário do que acontece na geografia, e afirma que a maior parte dos trabalhos de geografia aplicada ficam na confidencialidade por se tratar de uma análise espacial (LACOSTE, 2012)<sup>1</sup>. Acreditamos também que os trabalhos dessa geografia são de acesso restrito não apenas por se tratar de uma análise espacial, mas também por gerarem uma exposição do Estado ou do agente privado envolvido e fornecer informações que posteriormente podem ser utilizadas contra eles.

Ainda sobre as pesquisas de geografia aplicada, é de grande relevância pontuar que para o autor tais estudos não são publicados

(...) porque os resultados dessas pesquisas são informações eminentemente políticas; não é tanto para evitar sua difusão nos meios “científicos” que essas informações permanecem confidenciais, mas antes para evitar que os grupos de populações que vivem em tal local, em tal região que foi objeto dessas pesquisas, tenham conhecimento delas por vários canais. Para as *enquêtes* colocadas em situações das quais não se percebem todas as características e todos os fatores, os resultados dessas pesquisas teriam uma importância considerável; eles lhes permitiriam ver melhor o que se passa concretamente na sua localidade e serem informadas daquilo que correria o risco de ali se passar (LACOSTE, 2012, p.153).

Nessa citação compreendemos que, na visão de Lacoste, esconder os resultados dos estudos da geografia aplicada é uma ação política. A população afetada por tais estudos seria capaz de se organizar e fazer a guerra contra os agentes de poder caso tivessem acesso às informações dos estudos realizados, e esconder seus resultados é uma atitude política de censura com o objetivo de proteger as autoridades públicas e privadas de críticas, revoltas, manifestações e entre outros aspectos.

De acordo com Lacoste (2012), muitas vezes nas pesquisas de campo os geógrafos precisam falar com a população que vive no local que a política, seja ela positiva ou negativa,

---

<sup>1</sup> De acordo com o jornal Brasil de Fato e com Vinicius Corrêa, ex-recenseador do IBGE e que hoje trabalha na Consultoria Ambiental Synergia, o IBGE tem enfrentado, nos últimos anos, cortes orçamentários, atrasos na execução do Censo Demográfico e tensões institucionais decorrentes de pressões políticas sobre a divulgação de dados. Ex-presidentes e servidores alertam que tais interferências comprometem a produção e a transparência das informações estatísticas e geográficas do país, revelando que o controle do Estado sobre a informação é um elemento estruturante na dinâmica do Instituto. Esses episódios reforçam a crítica de Lacoste de que o conhecimento geográfico pode ser manipulado conforme interesses de poder.

será empreendida. As pessoas normalmente respondem às questões, fornecem explicações, guiam os geógrafos em direção aos locais que desejam ver e também os acolhem, com abrigo e comida (LACOSTE, 2012). Notamos, nessa parte da obra de Lacoste, que a população dispõe de um grande conhecimento geográfico, pois ela é capaz de fornecer informações sobre o espaço em que vivem e guiar os geógrafos, mas acreditamos que esse mesmo povo não percebe que estão fazendo geografia. Acreditamos que o conhecimento geográfico não está presente apenas na academia, nas escolas ou nas ações espaciais da geografia dos Estados-Maiores, mas também está presente nas cidades, vilas e no campo, pois seus habitantes possuem uma noção espacial própria do lugar onde vivem, diferente da noção dos acadêmicos, a ponto de esses últimos precisarem entrevistar e perguntar aos habitantes locais sobre os diversos elementos ou fenômenos que fazem parte da composição daquele espaço.

Infelizmente, Lacoste (2012) afirma que a intenção dos agentes de poder ao mandarem os geógrafos realizarem tais pesquisas é a de melhor controlar essa população, mas que é preciso que esse grupo de pessoas obtenham estratégias espaciais para melhor se organizarem e se defenderem no espaço. Seria necessário que os geógrafos explicassem para a população os motivos de suas perguntas, de sua presença naquele local e para que serão utilizadas essas informações, mas isso dificilmente acontece (LACOSTE, 2012).

Tratando agora de outra questão, Lacoste (2012) aponta que a geografia dos professores entra em crise em um dado momento - na segunda metade do século XX - e que muitos professores culpam a “geografia espetáculo” por essa crise. Essa geografia é uma expressão utilizada para se referir às paisagens e aos países apresentados pelas mídias de massa, principalmente a televisão, o que é, na visão desses professores, uma concorrência desleal (LACOSTE, 2012). No entanto, Lacoste (2012) discorda dessa insinuação e afirma que a crescente politização dos jovens é uma das causas principais dessa crise. Concordamos com o autor, pois como vimos no subcapítulo sobre a biografia de Lacoste, o movimento de maio de 1968 na França já demonstrou a grande politização dos jovens que estavam inquietos com o sistema universitário, e acreditamos que essas revoltas universitárias tenham influenciado os estudantes nas escolas. O professor de geografia, de acordo com Lacoste (2012), começa a ter problemas, pois não é mais detentor do monopólio do saber - por conta dos avanços tecnológicos que propiciaram a busca de conhecimento em outras fontes - e antes era o único a trazer a informação (LACOSTE, 2012). Muitos jovens rejeitam a geografia dos professores justamente por esta continuar, assim como no passado, desconsiderando a dimensão política do espaço, e muitos professores reproduzem essa geografia pois receberam essa formação, de origem vidaliana, na universidade (LACOSTE,

2012). Em suma, a crise da geografia dos professores é benéfica para a geografia, pois ela é como uma lente que impede de compreender os graves problemas em suas configurações espaciais (LACOSTE, 2012). Em nossa concepção, com o enfraquecimento da geografia dos professores, mais pessoas terão acesso aos conhecimentos geográficos e, dessa vez, sem filtros, possibilitando que as populações vejam melhor as situações e fenômenos como eles realmente são e, por consequência, tornando a luta mais justa dos oprimidos contra os opressores. Na época dos grandes reis e príncipes, o conhecimento geográfico era bastante restrito e não chegava à população. Com o passar do tempo, a internet e o avanço tecnológico possibilitaram que os saberes geográficos fossem disseminados para outras camadas da sociedade, e não apenas para a elite. No entanto, cabe ressaltar que a população marginalizada ainda não tem acesso a tais conhecimentos.

Seguindo com a análise da obra, Lacoste (2012) critica a “região” vidaliana, afirmando que essa era um obstáculo para a apreensão dos diferentes espaços e suas interconexões. As regiões, para La Blache, eram individuais e possuíam seu próprio nome, o espaço vidaliano era compartimentado como uma série de blocos colocados em um mesmo plano, uns ao lado dos outros, e tal ideia deveria ser combatida (LACOSTE, 2012). O autor, ao contrário de La Blache, acredita que quando as pessoas estão num determinado lugar, elas não estão em um único compartimento, uma única região, pois há como uma população estar, ao mesmo tempo, em uma comuna dentro de um certo departamento na área de influência da cidade de Marselha em uma região montanhosa próxima ao vale do Ródano e entre outros (LACOSTE, 2012). Em nossa análise, Lacoste vai do micro para o macro, ou do macro para o micro, ou seja, pode-se dizer que ele trabalha em diferentes escalas e que enxerga a inter-relação entre as formas ou fenômenos espaciais, e sua análise faz sentido pois nos séculos XIX e XX, época em que viveu La Blache, grande parte dos Estados nacionais europeus já haviam sido formados, incluindo a própria França, então é notório que as regiões estariam incluídas em algo maior do que elas. É interessante mostrar, inclusive, que Lacoste (2012) afirma que o conceito vidaliano de regiões não poderia ser perigoso e colocar em questão pautas como a unidade nacional.

Lacoste (2012) inicia o capítulo 21, intitulado “Os geógrafos, a ação e o político”, afirmando que as concepções de geografia podem variar de país para país. Os geógrafos na União Soviética, como postulado anteriormente, focavam na geografia física, considerando que a geografia é uma ciência natural; os geógrafos estadunidenses, por sua vez, realizavam mais estudos na geografia humana, considerando que esta é uma ciência social. Lacoste (2012) alega, por sua vez, que a geografia é tudo ao mesmo tempo, englobando realidades

extremamente distintas, com cada uma delas se estendendo na superfície do globo e com a característica em comum de serem cartografáveis. No entanto, o autor não deixa de apontar que cada carta possui uma ideologia diferente, pois procedem de um certo número de escolhas feitas pelo geógrafo de uma porção do espaço (LACOSTE, 2012). Podemos notar isso observando um mapa-múndi: nele, a Europa está bem no centro, e tal posicionamento foi resultado da escolha dos cartógrafos europeus. Na Europa que os primeiros mapas foram criados, e os europeus fizeram questão de colocar seu continente no centro nos mapas-múndi, mas esse tipo de mapa não é necessariamente o correto, visto que nosso planeta está inserido no espaço sideral, que não possui piso nem topo, então o mapa poderia ser representado ao contrário, com o continente africano acima do europeu; além disso, como o nosso planeta é um geóide, qualquer continente poderia ficar no centro do mapa. Podemos concluir que se colocar no centro da Terra em um mapa é uma atitude de poder.

Ainda sobre as cartas, Lacoste (2012) afirma que, desde a antiguidade, quando existiam geógrafos, mas ainda não existia a geografia como disciplina universitária, a prática geográfica já era científica, pois os geógrafos construíam cartas antes da fotografia aérea e da teledetecção, sendo que era uma operação de extrema dificuldade e que exigia muito cuidado e precisão. A geografia vai crescendo e ganhando cada vez mais importância, e príncipes ou governantes tinham seu geógrafo de gabinete e solicitavam cartas, as quais eram indispensáveis para o exercício do poder (LACOSTE, 2012). No entanto, surge no século XIX uma nova geografia em vários Estados europeus, como França e Alemanha, que utilizam a geografia nas escolas para fazer com que seus alunos conhecessem melhor a pátria e os Estados que a cercavam (LACOSTE, 2012). É interessante apontar que, a geografia dos professores, mesmo sendo enumerativa, enciclopédica e descritiva, acaba esbarrando um pouco em aspectos políticos quando foca em fortalecer o patriotismo nos alunos, mesmo que seja apenas pelo conhecimento do nome de seus rios, cidades ou recursos que o Estado possui. O estudante, caso acesse mais informações ou conhecimentos fora da escola, conseguirá relacionar com o que viu na aula, por exemplo: caso ele veja na televisão que houve contaminação no Rio Sena, ele saberá que esse rio é francês e que passa pela capital do país, Paris.

Adiante no mesmo capítulo, Lacoste (2012) alega que o fato de que os geógrafos consideram elementos de áreas de diversas ciências não deve ser utilizado como justificativa das carências da geografia. A geografia pode ser considerada um saber científico, mas com a condição de que todos esses elementos das ciências diferentes não sejam mais dispostos de forma enciclopédica, mas articulados a fim de atingir determinado objetivo, sendo que tais

ações justificariam os empréstimos feitos dos conhecimentos das outras ciências (LACOSTE, 2012). Os geógrafos precisam ter consciência de sua razão de ser: pensar o espaço para que nele se possa agir de forma mais eficaz (LACOSTE, 2012). Acreditamos que não basta enumerar fatos ou dados, é preciso relacionar situações, fenômenos e fatos com os dados, pois os dados sozinhos não são úteis para atingir determinado objetivo, como aponta o autor, nem mesmo para fazer a guerra. Dados enumerados não auxiliam governantes a exercer seu poder sobre uma população, não auxiliam os camponeses na defesa de seus interesses e de seu território, não auxiliam na argumentação política e assim por diante, apenas dados, sem contexto ou sem outras informações não são úteis, é preciso contextualizá-los e relacionar com o espaço para que se possa fazer algo.

Lacoste (2012) afirma que vários estudiosos da geografia evitam o termo geopolítica por acharem que esse termo está intrinsecamente ligado à argumentação do expansionismo nazista, mas afirma que não faz sentido os geógrafos excluírem esse termo de seu vocabulário, pois os povos que lutaram ou ainda lutam por independência ou mais autonomia também fazem geopolítica, mas utilizando claramente argumentos diferentes ao da geopolítica nazista.

O capítulo 22, o penúltimo da obra, intitulado “Ensinar a geografia”, trata-se de uma transcrição das falas de Lacoste no “Colóquio nacional sobre a história e o seu ensino”, em 1984, na cidade de Montpellier (LACOSTE, 2012). É interessante apontar que as relações entre geógrafos e historiadores em 1984 parecem estar mais amenas no ano de 1984, visto que um geógrafo foi chamado para falar sobre o ensino de história. Nesse colóquio, Lacoste (2012) inicia dizendo que é uma honra para ele estar lá, mas aponta a contradição do colóquio ser essencialmente consagrado à história sendo que geografia e história são tradicionalmente associadas nas escolas e colégios. O geógrafo questiona o motivo de as duas disciplinas estarem associadas no sistema escolar francês, e afirma que acredita que os idealizadores dessa junção quiseram articular as duas categorias de Kant (1724-1804), - filósofo alemão que chegou a lecionar geografia - o tempo e o espaço, pois o tempo está inserido no espaço e o espaço está inserido no tempo (LACOSTE, 2012). O geógrafo afirma que a história detém uma carga dramática, de tensão, revivendo seus “heróis” e seus “vilões”, suas lutas e revoluções, os impérios e suas quedas e assim por diante (LACOSTE, 2012). Em contrapartida, a geografia é desprovida de tensão dramática, pois o estudante precisa enumerar e diferenciar diversas categorias e não há nenhuma tensão dramática para manter o aluno interessado, sendo que o mesmo professor que ensina história, ao ensinar geografia, pode suscitar reações muito diferentes em uma mesma turma (LACOSTE, 2012). Em nossa

concepção, a história é como um “filme” narrado pelo professor, no qual os acontecimentos vão ocorrendo em uma sequência lógica e se seguem até chegar a um resultado, como, por exemplo, na Revolução Francesa (1789) ou na Ditadura militar brasileira (1964-1985). Por mais que existam outros acontecimentos em outras partes do mundo ocorrendo ao mesmo tempo, normalmente o professor de história retém suas atenções em um determinado conteúdo para depois passar para outro. Acreditamos que a geografia, por sua vez, vai seguir uma lógica menos linear, pois é uma ciência que trabalha com diferentes escalas e espaços sobrepostos, como afirmado por Lacoste (2012) anteriormente. Então, em uma aula de geografia, pode haver um movimento descontínuo do professor, o que não significa que seja uma disciplina sem sentido ou ensinada de modo equivocado, mas que é apenas não linear, porque foca no espaço, e não no tempo.

Nesse mesmo capítulo, o autor aponta que foi internalizado aos futuros professores de história e geografia “uma concepção de geografia que se proclama ‘científica’ e que não é, na realidade, mais do que uma concepção acadêmica, uma vez que ela reduz um saber, cuja razão de ser é a ação, a um discurso ‘desinteressado’, sem conflitos” (LACOSTE, 2012, p.229). Ou seja, a geografia é apresentada como um saber sem discurso político e que busca a cientificidade a todo custo, mas fica claro nesta citação que Lacoste acredita que o objetivo da geografia é atuar no espaço, agir politicamente e gerar conflitos com ideias ou ações que vão contra os interesses da população.

Finalizando o colóquio, Lacoste (2012) alega que o mundo é incompreensível para quem não tem o mínimo de conhecimentos de geográficos, e é preciso que os geógrafos tomem consciência de que ensinar geografia à população é uma ferramenta não apenas para compreender o mundo ou se defender, mas para compreender o próprio local em que vivem. Acreditamos que tanto a geografia quanto a história podem ser armas de politização para que as pessoas possam manifestar suas opiniões e lutar por causas que acreditam ser justas, assim como agir, pois como vimos várias vezes ao decorrer desse trabalho até então, a ação é primordial na geografia, mas acreditamos que o conhecimento da história e da política também podem ocasionar ou legitimar a ação.

No último capítulo da obra, denominado “Para progressos da reflexão geopolítica na França”, Lacoste (2012) postula que as reflexões geopolíticas não são de nível apenas planetário ou de vastos conjuntos territoriais, mas também no quadro interior de cada Estado, pois podem existir tendências políticas diferentes ou várias etnias rivais dentro de um mesmo Estado. Lacoste (2012) alega ser contrário às afirmações de teóricos da geopolítica, como Mackinder (1861-1947), explicando que para ele uma situação geopolítica não é determinada

essencialmente por fatores naturais, mas resulta da interação de fatores bem mais numerosos. Acreditamos, assim como Lacoste, que os fatores naturais, como o solo, relevo, clima e hidrografia de uma dada região influenciam na geopolítica, pois uma região montanhosa pode ser mais difícil de acessar, protegendo o exército, um Estado com um clima ameno desgasta menos suas tropas e assim por diante, mas esses fatores não são preponderantes, pois cada vez o mundo se torna mais tecnológico e os Estados, principalmente os mais ricos, vão se adaptando às imposições naturais. Então mesmo uma região com péssimas condições naturais - como um solo com baixo potencial agrícola ou clima extremamente frio - podem vencer batalhas geopolíticas.

De acordo com Lacoste (2012), a França era caracterizada por um grande atraso nos estudos geopolíticos, principalmente sob o pretexto de estar buscando a cientificidade. Ademais, uma das causas principais do fraco desenvolvimento da geopolítica no país foi o enfraquecimento da análise geográfica a partir do instante em que a geografia se torna um saber universitário, enquanto durante séculos foi um saber político indispensável aos governantes (LACOSTE, 2012).

Finalizando sua obra, o autor afirma que a geopolítica não é um campo de estudos exclusivo da geografia e que para que a reflexão geopolítica progrida, é necessário que se estabeleça relações entre os jornalistas, militares, historiadores, políticos, etnólogos, juristas, sociólogos, economistas, demógrafos e assim por diante (LACOSTE, 2012).

Com nosso primeiro capítulo deste trabalho finalizado, dedicado à análise da obra de Yves Lacoste escrita em 1976 “A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”, nossas considerações gerais são de que o autor apresenta um caráter crítico em toda o livro, mas enaltecendo algumas obras que considera importantes, como a “*A França de Leste (Lorena-Alsácia)*”, de Vidal de La Blache, autor que foi alvo suas diversas críticas durante a obra, mas que foi elogiado por esse seu livro. Acreditamos na importância da leitura e análise da obra de Lacoste porque ainda hoje ela se encontra atual, os Estados exercem poder utilizando largamente a geografia, pois usam elementos como o sensoriamento remoto, diversos mapas, conhecimentos de geopolítica, conhecimentos sobre seu próprio território, os recursos naturais nele presentes e assim por diante. Será que hoje não existem mais Estados que utilizam o conhecimento geográfico para reprimir sua população? Ao mesmo tempo, a geografia sempre poderá ser utilizada como arma de defesa por uma dada população, isso é atemporal. Toda população vivendo em um determinado tempo estará inserida dentro de um certo espaço, e poderá lutar ao conhecer melhor esse espaço.

Em qualquer que seja o tempo, sempre haverá espaço, e se sempre haverá espaço, sempre haverá geografia, e se sempre haverá geografia, sempre haverá guerra.

## 2. UM LIVRO QUE DESESTABILIZA: SEUS LEITORES, SUAS POLÊMICAS E O PAPEL DA REVISTA *HÉRODOTE*

Yves Lacoste escreveu “A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra” em 1976, quando estava em viagem à Martinica, no Caribe, sob convite de Alexandre Piqueras - arquiteto de origem peruana - para estudar a comuna de Le Lorrain (ANJOS, 2022). A obra de Lacoste é um grande marco na renovação da geopolítica fora do eixo militar tradicional por ser uma das pioneiras a tratar do tema e por sua posição crítica (DORFMAN; REGO-MONTEIRO, 2025). O autor afirma que é necessário que os geógrafos atuem na análise dos conflitos e rivalidades de poder e rompa a ligação umbilical da geopolítica com o nazismo (DUARTE, 2023). No entanto, na visão de Duarte (2023), sua obra não obteve tanto sucesso quanto poderia, pois foi vista por muitos geógrafos como radical. É consequência imediata de que uma obra que se separa das tradições vigentes vai ser vista, ao mesmo tempo, revolucionária e radical, dependendo do leitor e de seu pensamento pré-estabelecido. Lacoste aponta em Zanotelli (2005) que escreveu a obra “A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra” e que não renega esse título, embora ele tenha causado escândalo em alguns de seus colegas, que consideraram a obra, assim como seu título, uma provocação. Lacoste, nessa obra, faz diversas críticas à geografia que é despolitizada, descritiva, enciclopédica, passiva e que justifica todas essas características por estar buscando a cientificidade.

Essa busca persistente pela cientificidade pode ser explicada pela influência que o positivismo exerceu na França, principalmente por ter nascido lá. Essa corrente de pensamento, formulada por Auguste Comte (1798-1857), defendia que o conhecimento científico seria o único conhecimento verdadeiro, valorizava a razão e criava uma hierarquia das chamadas “grandes ciências”, com a Biologia e a Sociologia no topo, sendo mais científicas e capazes de explicar a humanidade (ALVES *et al.*, 2024). O positivismo também tinha como pressuposto que os avanços científicos deveriam se fixar aos avanços morais para que a humanidade pudesse progredir, o que somente seria possível por meio da ordem e da disciplina (ALVES *et al.*, 2024). Logo, influenciada pelos pressupostos positivistas, a geografia, principalmente na França, focou na razão e em alcançar a cientificidade. Os geógrafos podem ter interpretado a obra de Lacoste como uma obra sem fundamentação científica, pois não tinha a razão como principal objetivo e procurava interpretar o espaço a fim de que nele pudesse combater, assim como ensinar os povos locais a fazer o mesmo. No

entanto, Lacoste não se preocupava com os supostos avanços morais que a filosofia positivista detinha, como as questões de ordem e disciplina, muito pelo contrário, Lacoste (2012) acreditava que era necessário que a geografia fizesse a guerra, que os povos se rebelassem contra a opressão, que a geografia servisse como arma de denúncia contra explorações realizadas por agentes públicos ou privados sobre determinada população, que ela fosse polêmica e fosse motivo de discordâncias, ao contrário do que pregava positivismo, (ALVES, *et al.*, 2024) que influenciou os geógrafos da época.

Na visão de Lacoste a geografia, em especial a escola francesa, passa a deixar de lado os problemas políticos e o autor critica duramente as descrições regionais (RIBEIRO JUNIOR, 2023). Descrições essas que focam em observar uma região e verificar as interações entre os elementos presentes nela, de forma enumerativa e enciclopédica. Essas descrições, além de apresentarem a região como harmoniosa, não consideram as relações de força e conflito presentes nela, apenas a descrevem e não a explicam. Sendo assim, não incomodam o poder vigente, pois uma geografia que não é questionadora e não busca o porquê das coisas não faz com que o Estado precise justificar suas ações. Além disso, é importante destacar que nessa época o geógrafo se nutria de ferramentas e concepções de outras ciências as quais o quadro espacial não era primordial (RIBEIRO JUNIOR, 2023), como a história, que era utilizada pelos geógrafos regionais para entender como uma certa região se formou ao longo do tempo, e a biologia, para analisar aspectos naturais da paisagem. Essa utilização das ideias de outras ciências fazia com que a geografia fosse vista como uma “ciência de síntese”, que se nutria de aspectos diferentes das várias ciências (MORAES, 2007). Ademais, enquanto a Escola Francesa havia cristalizado o conceito de região, Lacoste utilizava espaço (RIBEIRO JUNIOR, 2023). Lacoste critica a ideia de região como algo estático, neutro e despolitizado, estabelecendo outro objeto para a geografia (VERDI, 2017), que seria o espaço, que é dinâmico, produzido socialmente e disputado por relações de força, dotado de política, e não apenas uma porção natural e neutra da superfície terrestre. Essas críticas à geografia vigente da época vão gerar conflitos, e Lacoste afirma na obra de Zanotelli (2005, p.31) que suas

relações com os geógrafos, de maneira geral são bastante conflituosas. Muitos deles não são tão grandes como eu gostaria que fossem; mas não é por culpa deles, é a evolução de um saber e de uma disciplina. Tem-se na França, mas também alhures, uma concepção muito estreita e restritiva da geografia. Isso, pelo menos, depois que a geografia passou a ser ensinada na universidade e na escola. A verdadeira geografia começou há 3.000 anos com Heródoto. Mas os geógrafos empenharam-se, inconscientemente, em restringir, mutilar e, em particular, excluir tudo que tinha

uma relação com a ação, o político, os destinos da nação etc. Eu penso que é uma pena que esses geógrafos, muitos deles, se restrinjam ao que acreditam ser conveniente, científico etc.

Nesse trecho, podemos verificar que Lacoste enxerga a geografia de sua época como muito restritiva, ou seja, sem levar em conta aspectos políticos, luta de classes, disputas de poder e ação no espaço. A geografia, como pudemos verificar, poderia ser muito mais abrangente, completa e interessante do que foi em sua época, de acordo com ele (ZANOTELLI, 2005). As relações conflituosas no início da citação se devem, em grande parte, devido à obra “A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”. Em determinado momento da obra de Zanotelli (2005), Lacoste afirma que uma de suas características é a de fazer aos geógrafos observações desagradáveis as quais eles não querem escutar por razões, segundo Lacoste, “muito longas para explicar agora”. Compreendemos que se trata, de maneira geral, de criticar a maneira apolítica de fazer geografia dos profissionais da época. Nesse momento, observamos uma das principais ações geográficas de Yves Lacoste: a crítica.

Em uma entrevista na obra de Zanotelli (2005) envolvendo Yves Lacoste, Sadek Hadjeres – ex-político e membro do Partido Popular Argelino - e um jornalista cujo nome não é mencionado, Hadjeres afirma que, no final de 1991 ele já estava militando há quase 50 anos e acreditou que esse período tinha sido o suficiente para ele. Em seguida, Hadjeres afirma que o ativismo empobrece a reflexão, pois ele não permite olhar os fatos à distância (ZANOTELLI, 2005). Podemos observar claramente que há uma crítica ao pensamento e às obras de Lacoste, incluindo a obra tratada nesse trabalho, que afirma que a geografia serve para ensinar os povos a combaterem no espaço, que a geografia deve ser militante, ativista e combatente (LACOSTE, 2012).

Ribeiro (2021) aponta outra crítica que Lacoste recebe, pois Pedrosa (2009) *apud* Ribeiro (2021) afirma que a interpretação de Lacoste sobre o imperialismo e o subdesenvolvimento no terceiro mundo - países que são desfavorecidos ex-coloniais e subalternos (CAÇÃO ROSA, 2020) - são muito limitadas. Pedrosa (2009) *apud* Ribeiro (2021) ainda alega que não se deve apenas vangloriar os clássicos, mas lê-los de acordo com nosso tempo vigente para evitar certos equívocos e o ocultar de eventos que, algumas vezes, pensamos que só existiam em nosso tempo. Pedrosa (2009) *apud* Ribeiro (2021) também discorda da leitura de Lacoste sobre Vidal de La Blache, causando uma despolitização

excessiva do autor, fazendo com que o mesmo seja visto como um autor sem propósito e irrelevante em vários cursos de geografia no Brasil.

É necessário, então, falar sobre Vidal de La Blache (1845-1918). Originalmente historiador,

A decisão de La Blache em tornar-se geógrafo, supostamente, foi a chave da institucionalização da geografia. Porém, como veremos, esta conversão está relacionada a aspectos da época e envolve estratégias que vão para além da identificação como geógrafo. Também o primeiro esboço do método geográfico está associado a aspectos do contexto e de suas afinidades. A institucionalização da geografia não foi um dado da escolha pessoal de Vidal. O intento da recém-criada história social da ciência é arrolar diversas determinações para explicar emergências, declínios e evoluções das teorias (LIRA, 2012, p.53).

Então, verificamos que existiu uma certa conjuntura para que La Blache se tornasse geógrafo, e não apenas a afinidade pessoal do autor. É interessante lembrar da parte do primeiro capítulo de nosso trabalho em que falamos sobre a geografia ser utilizada para gerar sentimentos patrióticos nos estudantes e fazer com que eles conhecessem melhor seu país. Logo, era um período no qual a França tinha certa necessidade dos conhecimentos geográficos, e o Estado francês pode ter incentivado a formação de professores de geografia. Lira (2012) conclui que a trajetória de La Blache está vinculada à institucionalização da geografia na França, mas essa conexão é contextual e estratégica.

La Blache é um autor que desenvolve uma concepção denominada “tempo geográfico” (LIRA, 2014). Diferentemente do tempo cronológico, marcado por datas e utilizado por historiadores, o tempo geográfico representa a maneira como os fenômenos geográficos se alteram ou não ao passar do tempo, sendo um tempo não linear (LIRA, 2014). O tempo geográfico se torna uma ferramenta nos estudos de campo para a geografia humana, além disso, de acordo com o autor, ele auxilia a diferenciar a geografia da história, pois cada uma tem seu tempo (LIRA, 2014). La Blache também afirma que os seres humanos se adaptaram a viver em vários pontos do planeta e, em cada um desses pontos, criavam um relacionamento diferente com a natureza (MORAES, 2007). Nessa relação com a natureza, o ser humano obtinha determinadas técnicas, hábitos e costumes os quais lhe permitiam utilizar os recursos naturais disponíveis na região (MORAES, 2007). A esse conjunto cultural de técnicas, hábitos, usos e costumes gerados pela interação com a natureza e passados de geração para geração, La Blache denominou “gênero de vida” (MORAES, 2007).

Ainda sobre La Blache, o autor afirma que a geografia não deve estudar apenas as pessoas, mas estas em interação com o meio, e reafirma que o tempo geográfico não é linear porque as civilizações podem encontrar obstáculos humanos ou naturais que dificultem sua instalação em determinado local, sendo assim, não conseguem interferir no espaço, em uma espécie de recuo histórico (LIRA, 2014).

Por fim, é importante ressaltar que La Blache é considerado um “ícone exponencial” da Geografia Francesa (MOURA *et al.*, 2024), sendo que até os dias de hoje seus conhecimentos são difundidos e referenciados entre diferentes intelectuais da geografia (MOURA *et al.*, 2024). No entanto, Lacoste (2012) critica duramente La Blache não somente por interpretar seu discurso como apolítico e por considerar as regiões como entidades neutras politicamente, característica presente em diversos geógrafos da Escola Francesa de Geografia, Lacoste foca suas críticas em La Blache pois ele representava um dos maiores símbolos da geografia francesa, como afirmado por Moura *et. al* (2024), o “ícone exponencial”. Logo, La Blache representava o símbolo máximo daquilo que Lacoste era contra - uma geografia, ao seu ver, despolitizada e acrítica - e focar suas críticas em La Blache era como derrubar o núcleo da Geografia Francesa, tão criticada por ele.

Agora precisamos falar sobre a recepção no Brasil da obra “A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra” , assim como das ideias do autor. Lacoste redigiu esse livro em um contexto de grande tensão mundial: a Guerra Fria parecia não ter fim, a descolonização africana estava ocorrendo de modo acelerado e entrando em contradição com a promoção do início de ditaduras militares na América Latina, o choque do petróleo de 1973 causado pela Guerra do Yom Kippur e as fragilidades estadunidenses percebidas na Guerra do Vietnã (1955-1975) incentivaram ainda mais Lacoste afirmar que a Geografia servia, antes de mais nada, para fazer a guerra (SILVA, 2024).

A obra de Lacoste foi traduzida em 1977 pela Iniciativas Editoriais de Lisboa (KAROL, 2013) e chega ao Brasil em 1978, com a circulação de uma cópia pirata da edição portuguesa, impresso sem editora (KAROL, 2013), em um período de grande efervescência devido ao movimento da Geografia Crítica. Essa geografia começou a ganhar corpo entre os anos 1950, inicialmente na França, mas se espalhando para diversos países, como o Brasil, e tinha bases marxistas (GONÇALVES, SANTOS, 2024). Sua renovação teórica era baseada em superar o foco descritivo, inserir o conflito de classes na geografia e adotar o materialismo histórico-dialético (GONÇALVES, SANTOS, 2024). O brasileiro Milton Santos e o estadunidense David Harvey são nomes expoentes dessa geografia, e é importante dizer que os geógrafos críticos também afirmam que o espaço não é neutro, e que ele é

resultado de uma construção social e histórica e é influenciado pelas pessoas ao mesmo tempo que as influencia, e que a geografia deve ser utilizada para lutar contra a opressão e a favor do bem comum (GONÇALVES, SANTOS, 2024). Compreendemos, então, que a Geografia Crítica se adequa muito bem às concepções de Lacoste, pois o autor também acredita que a geografia não é neutra e é dotada de grande aporte político, que o conflito é um elemento essencial e que ela serve para auxiliar os oprimidos a lutar contra os opressores, nas palavras de Lacoste, para fazer a guerra, mas tais discursos se assemelham muito, portanto, consideramos Lacoste um geógrafo crítico após ler e analisar sua obra e ler posteriormente o texto de Gonçalves e Santos (2024).

Ao final da ditadura militar brasileira (1964-1985), a Geografia Política brasileira acentua sua conexão com os autores francófonos, principalmente com Yves Lacoste, Paul Claval e Claude Raffestin (DORFMAN; REGO-MONTEIRO, 2025). Essa influência se fortalece a partir do momento em que suas obras são traduzidas para o português, principalmente a obra de Lacoste “A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra” (DORFMAN; REGO-MONTEIRO, 2025). A expansão das ideias de Lacoste no país é vista por muitos geógrafos como uma sequência da influência francesa na formação universitária de geógrafos no Brasil, que ocorreu desde o século XX (DORFMAN; REGO-MONTEIRO, 2025). Ademais, sobre a questão dos idiomas, Lacoste afirma, em entrevista à Zanotelli (2005), que sua obra foi traduzida para o italiano, espanhol, árabe e, nas próprias palavras do próprio Lacoste, para o “brasileiro”. Ademais, possui muitas traduções piratas (ZANOTELLI, 2005) e destaca-se que ela também sofreu grandes alterações até 1985 (VERDI, 2017).

Antonio Carlos Robert Moraes, um dos expoentes da Geografia Crítica no Brasil, escreveu uma obra intitulada “Geografia pequena história crítica” em 1981 e nela relata sua opinião sobre as ideias de Lacoste. Para Moraes (2007), Lacoste foi o autor que formulou a crítica mais radical da Geografia Tradicional, citando a obra “A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra” como a principal arma de Lacoste para tal. Moraes (2007) explica e opõe a “geografia dos professores” e a “geografia dos Estados-Maiors”, afirmando que a crítica de Lacoste é bastante incisiva e coloca a geografia como ferramenta de dominação burguesa dotada de potencial prático e ideológico e colocando em vista seu caráter de classe. Moraes (2007) declara que Lacoste define seu trabalho como uma guerrilha “epistemológica” e julga que esse é o modo revolucionário da renovação do pensamento geográfico, englobando autores, como ele próprio e o Lacoste, que se negam a aceitar a realidade como ela é, e buscam por meio de sua formação ser agentes transformadores de seu

meio, utilizando seu trabalho como instrumento de denúncia e de combate (MORAES, 2007). Moraes (2007) afirma que interpreta que, para Lacoste, os detentores de poder, sejam eles agentes privados ou públicos, sempre possuem uma visão integrada e articulada do espaço. De fato, pois eles têm recursos o suficiente em suas mãos para isso e podem utilizar técnicas de sensoriamento remoto, contratar inúmeros geógrafos e outros profissionais para realizar pesquisas, possuem acesso a documentos oficiais aos quais a população não tem o direito de ver e assim por diante. O cidadão, por sua vez, tem uma visão fracionada do espaço porque só conhece parte dele, sendo essa parte composta pelas áreas de seu lazer, de seu trabalho, de seu bairro e assim por diante, afirma novamente Moraes (2007) sobre o pensamento de Lacoste. Tanto Moraes quanto Lacoste concordam com essas afirmações referentes à visão diferencial do espaço que o cidadão possui em relação ao agente de poder, e nosso trabalho também concorda. O agente de poder, além de possuir mais recursos, consegue ver o espaço através de diversos níveis de análise, e pode estar vendo uma mesma situação que um cidadão, mas o cidadão consegue enxergá-la apenas por um nível de análise e o agente de poder por vários, inter-relacionando os aos fenômenos de forma mais rápida e fácil, com o acesso aos documentos, técnicas, tecnologia e capital. Portanto, esse agente consegue agir com mais eficiência no espaço e ter um controle melhor sobre ele, ao contrário do cidadão que possui uma maneira incompleta de ver o espaço, muitas vezes por conta de barreiras criadas pelo próprio Estado, como muros ou deslocar a população na parte mais baixa do relevo, e possuem menor técnica, tecnologia e capital, enfraquecendo seu poder sobre o espaço e, por conseguinte, sua guerra.

Com base nesse trecho que apresenta como Moraes (2007) cita Lacoste em sua obra, enfatizamos que a recepção de sua principal obra no Brasil foi positiva. Antonio Carlos Robert Moraes foi Professor Doutor da Universidade de São Paulo e um dos geógrafos mais importantes do movimento da Geografia Crítica. Em um de seus livros mais importantes, apresentado anteriormente, ele coloca Lacoste no primeiro lugar do pódio entre os geógrafos mais críticos em um momento no qual a geografia brasileira estava passando pelo movimento da Geografia Crítica. Deduzimos, então, que outros geógrafos críticos também apreciaram a obra, tanto porque ela é crítica e muito próxima aos pressupostos da Geografia Crítica, como porque as citações de Moraes deram a ela e a Lacoste muita legitimidade. Karol (2013) afirma que a obra que mais obteve citação e mobilização da geografia no Brasil, no período da Geografia Crítica - que foi quando a obra chegou no país - foi o livro de Lacoste “A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”.

De acordo com Verdi (2017), Lacoste trata em suas obras temas como o subdesenvolvimento e a colonização, que são eminentemente políticos. Os países subdesenvolvidos são aqueles que, no geral, passaram por forte crescimento demográfico durante o século XX e contam com uma relativa estagnação da economia (VERDI, 2017). Lacoste se interessa nas questões referentes ao subdesenvolvimento (VERDI, 2017) e alega que o subdesenvolvimento não é uma situação imutável e regular, pois as populações que vivem no Terceiro Mundo estariam vivendo muitas transformações sociais e demográficas desde a Segunda Guerra Mundial, sendo estas, principalmente, o crescimento demográfico e o desemprego (LACOSTE, 1959, 1965 *apud* VERDI 2017). Relembramos que esses mesmos países também estão passando, na segunda metade do século XX, processos de descolonização, e passam de forma ativa, lutando por seus direitos, como a Argélia e sua guerra de independência contra a França (1954-1962). Lacoste critica a ideia de uma solidariedade no terceiro mundo e também critica os anti terceiro-mundistas (ANJOS, 2021). Estes últimos, algumas vezes vinculados à extrema direita nacionalista francesa, estavam predispostos a ir contra qualquer tipo de auxílio ao terceiro mundo, além de possuírem uma política anti-imigratória (ANJOS, 2021). Por outro lado, e de forma mais incisiva, Lacoste, de acordo com Anjos (2021), direciona a maioria de suas críticas aos terceiro-mundistas quando, por exemplo, afirma que a fome em Uganda e no Camboja não seriam causadas pelo imperialismo, e sim por motivações políticas, como a ditadura de Idi Amin Dada e o regime do Khmer Vermelho (LACOSTE, 1991: 47 *apud* ANJOS, 2021).

O autor também critica a versão de que o colonialismo francês é o único responsável pela marginalização de uma parte da população de suas ex-colônias, afirmando que muitos desses países foram submetidos a ditaduras e que isso também deve ser considerado (ANJOS, 2021). Lacoste, dessa forma, explicita seu pensamento de que o papel das elites locais deve ser levado em conta, as quais também se beneficiaram da colonização.

É perceptível que Lacoste tece críticas aos maniqueísmos que dividem de modo simplificado o espaço terrestre, desconsiderando especificidades locais, regionais e nacionais. É possível notar tal fato em Verdi (2017), quando a autora aponta que Lacoste busca compreender não somente as diferenças entre os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos, mas também as contradições internas aos próprios países em subdesenvolvimento. Ribeiro Júnior (2023) afirma que Lacoste irá investir crescentemente contra o conceito de gênero de vida ao mesmo tempo que buscará tentar fortalecer a concepção de subdesenvolvimento, e tais oposições demonstram concepções diferentes de ver a geografia. É nesse momento que começa a ser desnudado o embate epistemológico que tomará grandes proporções em 1976

em “A geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra” (RIBEIRO JÚNIOR, 2023). Inclusive, o conceito de subdesenvolvimento para Lacoste aparece como meio de garantir a unidade da Geografia, ameaçada pela especialização, e o papel do geógrafo seria o de delimitar a extensão do subdesenvolvimento na superfície do planeta (RIBEIRO JÚNIOR, 2023). Delimitar o subdesenvolvimento não é o mesmo que mapear o desenvolvimento, mesmo que ambos estejam ligados de forma dialética. Quando o geógrafo identifica apenas as áreas desenvolvidas, ele mostra onde a riqueza se concentra; porém, ao delimitar o subdesenvolvimento, ele evidencia a estrutura espacial da desigualdade e os mecanismos que a produzem. Por isso, o foco no subdesenvolvimento não é só uma escolha metodológica, mas também política, e ajuda a revelar aquilo que muitas vezes permanece oculto, até mesmo propositalmente, nos mapas tradicionais.

Continuando nosso capítulo, é importante citar um tópico extremamente relevante envolvendo as pesquisas de Lacoste. Em 1972, Lacoste realizou uma publicação, no jornal francês *Le Monde*, sobre os bombardeamentos realizados pelos Estados Unidos no Vietnã do Norte, durante a Guerra do Vietnã (1955-1975) (VERDI, 2017). Essa guerra, no caso, era entre o Vietnã do Norte, socialista e apoiado pela União Soviética, e o Vietnã do Sul, capitalista e apoiado pelos Estados Unidos. O interesse de realizar essa pesquisa chegou a Yves Lacoste pelas mãos de Jean Dresch, em 1967 e, por intermédio dos Partidos Comunista Francês e Russo, recebeu do governo vietnamita uma ampla documentação (WHITACKER, 2020). A partir de estudos geomorfológicos, Lacoste foi à campo durante a guerra em 1972 para analisar quais diques foram selecionados pelos estadunidenses para serem bombardeados (WHITACKER, 2020). Lacoste afirmava que o governo dos Estados Unidos, presidido na época por Richard Nixon, estava cometendo um genocídio contra o Vietnã do Norte (VERDI, 2017). O foco dos bombardeios eram os diques de proteção do rio Vermelho, e Lacoste aponta que entre abril e julho de 1972 os estadunidenses bombardearam mais de 80 pontos diferentes das construções hidráulicas do país (VERDI, 2017). A maior parte dos bombardeios foram concentrados na parte oriental do delta do rio Vermelho, área na qual se encontrava parte expressiva das vilas e cidades sujeitas à inundação caso houvesse o rompimento dos diques (VERDI, 2017).

Foram escolhidos diques que poderiam gerar maiores danos e que pudessem ser confundidos com acidentes naturais, como uma forte chuva convectiva (WHITACKER, 2020). Além disso, Whitaker (2020) alega que o bombardeio dos diques, além de ser concentrado na parte mais densamente povoada do delta do rio Vermelho - a oriental - é relevante do ponto de vista agrícola. Ou seja, o genocídio estadunidense estava sendo

realizado, ao mesmo tempo, por meio do rompimento de diques e da consequente inundação e da fome.

Os Estados Unidos realizaram uma análise geográfica para bombardear o Vietnã do Norte, pois os locais selecionados para serem bombardeados seguiram alguns critérios, dentre os quais era a possibilidade de causar maiores danos, e os diques estavam conectados em uma rede hierarquizada, sendo necessário sobrepor o mapa dos bombardeamentos ao mapa da rede de diques para encontrar os melhores locais para os bombardeios (VERDI, 2017). Ou seja, os Estados Unidos observaram o espaço da mesma forma que Lacoste observa - como citamos no primeiro capítulo - quando ele afirma que a divisão mais viável do espaço é enxergar ele em camadas sobrepostas. É relevante citar que

Nessa denúncia, o autor evidenciou a estratégia de guerra empreendida pelos norte-americanos e, quatro anos mais tarde, no primeiro número da revista *Hérodote*, Lacoste (1976b) explicitou o raciocínio e a hipótese de pesquisa que fundamentaram o artigo de 1972. No segundo texto, percebe-se que o objetivo da reflexão sobre o bombardeamento dos diques no Vietnã, mesmo após o fim da guerra da Indochina, foi demonstrar as relações existentes entre a análise geográfica e a estratégia militar, indicando o problema da responsabilidade dos geógrafos frente aos seus temas de pesquisa e suas implicações políticas. Para Lacoste (1976b), o dano causado pelo bombardeamento dos diques era revelador da função ideológica das representações geográficas, e por isso a análise desse caso constitui-se tanto como uma denúncia da estratégia de guerra quanto uma reflexão sobre a importância do raciocínio geográfico para o próprio empreendimento da guerra (VERDI, 2017, p.6)

Por fim, ressaltamos que os resultados da pesquisa de Lacoste foram divulgados por intermédio de um relatório encaminhado ao governo vietnamita (VERDI, 2017).

Fica claro, a partir da leitura da bibliografia acima, que os Estados Unidos estavam ocupando a posição dos Estados-Maiores, ou seja, utilizando os conhecimentos geográficos para realizar uma ação de poder no espaço. Os Estados Unidos, como apontado anteriormente, realizaram uma sobreposição do mapa dos diques com o mapa dos bombardeamentos, buscando verificar a eficácia de sua prática. Essa nação mostrou que a geografia não pode ser considerada - até porque de fato ela não é - neutra politicamente. A geografia pode ser vista como uma prática, como uma intervenção no espaço, seja ela positiva ou negativa.

Lacoste alega que é responsabilidade dos geógrafos fazer a crítica contra a Geografia dos Estados-Maiores e lutar contra ela (WHITACKER, 2020), defendendo uma geografia

combativa e que não fosse passiva diante dos acontecimentos. A própria revista *Hérodote* - que apresentaremos logo mais neste capítulo - propunha uma espécie de “guerrilha epistemológica” contra as posições da geografia tradicional - que não se envolvia em aspectos políticos e se conservava neutra em situações como essa - no seu primeiro editorial intitulado “Attention, géographie!” (HÉRODOTE, 1976, p.3-7 *apud* ANJOS, 2022).

Os que projetaram a estratégia e as táticas do bombardeio no Vietnã do Norte demonstraram um domínio muito poderoso da informação, análise e pensamento geográfico (WHITACKER, 2020) e era um claro exemplo da atuação da geografia dos estados-maiores. Como alguns geógrafos participaram da realização desse novo tipo de guerra, na qual o espaço era pensado de forma estratégica, os geógrafos contra esse bombardeio deveriam analisá-lo e denunciá-lo, pois esse é um dos mais graves tipos de destruição (WHITACKER, 2020). Lacoste procura, por meio de seu texto, travar uma guerra contra o genocídio praticado pelos estadunidenses no Vietnã do Norte e utiliza a Geografia para criticar essa destruição e mostrar de forma minuciosa de qual modo ele está sendo cometido. O autor, por meio de sua pesquisa, utiliza a sua geografia como arma para denunciar uma geografia que foi mobilizada sistematicamente em uma guerra para causar o genocídio de um povo. Lacoste (2012) afirma que um geógrafo tem responsabilidades e, sabendo que sua pesquisa pode ter consequências negativas, ele deve recusar a participação em trabalhos que servem para arrasar uma população (LACOSTE, 2012). Além dos bombardeamentos dos diques no Vietnã do Norte, Lacoste escreveu sobre a guerra na Sierra Maestra, em Cuba e estudou a luta contra a oncocercose no continente africano que, de acordo com o autor é causada por vermes filaróides em regiões quentes (ZANOTELLI, 2005). Lacoste afirmou que houve uma estratégia de combate à oncocercose na África que poderia ser aproximada das estratégias estadunidenses no Vietnã, mas que tal associação é complexa e que não teria tempo de explicar naquela entrevista (ZANOTELLI, 2005). Ou seja, a geografia pode ser utilizada para auxiliar as pessoas, para fazer a paz e muitas vezes duas estratégias bem parecidas podem ser utilizadas para casos diferentes, como foi apresentado.

Em suma, era papel dos geógrafos escrever artigos e divulgá-los para que mais pessoas pudessem ter acesso aos acontecimentos no Vietnã do Norte e entender como eles estão sendo realizados. Caso todos os geógrafos do mundo fossem conscientes a esse ponto, provavelmente haveria logo no dia seguinte protestos em massa contra os Estados Unidos e talvez até mesmo embargos internacionais, além disso, a população se tornaria mais crítica e começaria a realizar a análise de seu próprio país e de sua própria situação, procurando compreender se está sofrendo algum tipo de opressão por parte do Estado, que possui mais

poder do que ela em suas mãos. A população poderia, ao ler o espaço de forma crítica, compreender as opressões sofridas, mobilizar sindicatos, associações, protestos, votar em candidatos que melhor representam suas causas e entender melhor até o espaço em que moram, por mais que possuam bem menos recursos do que o agente hegemônico que, nessa situação é o Estado. Lacoste cita Elisée Reclus na obra de Zanotelli (2005) afirmando que ele é conhecido como um dos autores do movimento anarquista e, ao mesmo tempo, geógrafo - até porque geografia, política e economia estão conectadas de diversas formas - e que considerava que ser geógrafo era algo de extrema importância para o cidadão, para melhor se defender e se organizar.

Continuando nosso trabalho, falaremos agora de um dos elementos mais importantes da carreira de Lacoste: a revista *Hérodote*. De acordo com Lacoste (2012), a revista foi nomeada de *Hérodote* para despertar a atenção dos geógrafos sobre as dificuldades da geografia, sobre sua antiguidade e sua evolução, assim como suas responsabilidades. A revista leva o nome do geógrafo Heródoto, um dos mais antigos que se conhece, no século V a.C, e a escolha do nome pode causar espanto porque ele é considerado um historiador, mas foi também um geógrafo (LACOSTE, 2012). Heródoto se interessava por configurações físicas e humanas das regiões e chegou a conduzir uma pesquisa para os homens de poder de Atenas para informá-los sobre os países do Mediterrâneo, sobre o Egito, meio-oriente e, principalmente, sobre a Pérsia (LACOSTE, 2012). Além da consideração pelos fatores físicos e humanos, a pesquisa realizada por Heródoto também o insere no rol dos geógrafos, inclusive daqueles que eram funcionários dos grandes príncipes, reis, homens de Estado ou grandes empresas, e para essas formularam mapas e realizaram pesquisas.

A revista, fundada com o apoio de seus ex-alunos, tinha um caráter político e crítico declarados, sendo que Lacoste considerava que ela era formada por um pequeno grupo de militantes que tomavam posições arriscadas e criticavam as posições, em sua visão, excessivamente restritas e acadêmicas dos geógrafos, apontando que seria necessário levar em conta questões políticas nas análises geográficas (ZANOTELLI, 2005). Lacoste enfatiza que a *Hérodote* buscava levar em consideração a ação e tudo que dizia respeito a problemas de política e poder (ZANOTELLI, 2005). O próprio autor ainda cita Bachelard - importante epistemólogo, crítico, cientista e poeta (HORODYSKI *et al.*, 2011) - e outros, afirmando que um saber científico precisa de polêmica (ZANOTELLI, 2005). Na obra de Zanotelli (2005), François Maspero, editor militante de esquerda que auxiliou na propagação de ideais revolucionários (LACERDA, 2024), afirma que o lançamento da *Hérodote* ocorreu em um contexto militante, e que Lacoste era muito engajado na Guerra do Vietnã (1955), como

nós pudemos notar anteriormente. Maspero afirma que o primeiro número de *Hérodote* tem uma foto de um avião bombardeando um campo de arroz na capa, sendo que esse número da revista vem com um artigo intitulado “Pesquisa sobre o bombardeio das ilhas de Rio Vermelho (Vietnã, verão de 1972)” (ZANOTELLI, 2005). Pudemos ver no primeiro capítulo que Lacoste critica as pesquisas de geografia realizadas a pedido de Estados ou corporações que não são publicadas, então o autor parece fazer questão de publicar seu estudo, pois é importante para ele divulgar as ações do governo de Richard Nixon e explicar suas estratégias geográficas.

Ainda na obra de Zanotelli (2005), Maspero afirma que Lacoste escreve o seguinte no editorial do primeiro número da revista *Hérodote*: “Nós acusamos a geografia dominante de ser cúmplice da ordem social/espacial estabelecida, quando ela a legitima ou quando ela a arranja” e que finaliza afirmando:

“Nós não reformamos a geografia, nós a voltamos contra nossos adversários; É de uma guerrilha epistemológica que se trata (...). Essa geografia informando a prática dos militantes, dos sindicalistas, e informada por ela, permitirá aos grupos dominados melhor situar o inimigo, melhor conhecer e melhor escolher o terreno” (ZANOTELLI, 2005, p.68).

Quando Lacoste escreve esse manifesto em seu editorial, ele declara a guerra contra a geografia dominante, acusando-a de ser cúmplice da ordem socioespacial estabelecida e criticando essa geografia por sua passividade e, em vários casos, por seu apoio aos grupos dominantes em suas perversas práticas militares, como na própria Guerra do Vietnã (1955-1975).

Havia na *Hérodote* um diretor, um secretariado de redação composto por cinco pessoas e um grupo de discussão o qual não era composto apenas por geógrafos, contavam com filósofos como François Châtelet, jornalistas engajados como Albert Paul Lentin e até mesmo psicanalistas, como Alain Manier (ZANOTELLI, 2005). O primeiro número da revista também traz questões a Michel Foucault (1926-1984) - grande filósofo francês - e um ano depois Foucault enviou as questões para a *Hérodote*, que se tratavam sobre o que era o poder, o conceito de dominação e outros temas políticos (ZANOTELLI, 2005).

A revista oferecia espaço para pesquisadores jovens publicarem, vários deles publicaram seu primeiro ou segundo artigo na revista (ZANOTELLI, 2005), pois Lacoste provavelmente enxerga esses jovens como críticos, visto que a revista foi criada pouco depois das revoltas de maio de 1968 na França. No entanto, Lacoste (2012) afirma que a *Hérodote* não se especializa no estudo de questões políticas, pois possui ambições maiores, desejando

reestabelecer a geografia ao mesmo tempo “física” e “humana”, então percebemos que por mais que a revista seja crítica e engajada, ela tem outros fins, até porque se trata de uma revista de geografia, não de política, e Lacoste é um geógrafo, não um político.

Lacoste (2012) alega que todas as pessoas sabem as utilidades da medicina ou da agronomia, mas não sabem da geografia. Então, o autor afirma que a *Hérodote* coloca questionamentos como: para que serve a geografia? Qual é a função do geógrafo na sociedade? (LACOSTE, 2012). Logo, a revista coloca em destaque problemas epistemológicos e políticos essenciais e bem diferentes das preocupações científicas dos geógrafos de sua época (LACOSTE, 2012).

Lacoste (2012, p.192) também afirma que

Durante esses últimos anos, as posições de Hérodote foram atacadas tanto da “direita” como da “esquerda”; isso não impediu, aliás, que ela se tornasse uma das mais importantes revistas francesas de geografia, pelo volume de sua tiragem. Nós não retomaremos aqui polêmicas que estão, aliás, na maior parte, ultrapassadas; aqueles que pensavam que Hérodote não passava de uma revista “crítica”, visando sobretudo a dar má consciência aos geógrafos, vão, progressivamente, percebendo os verdadeiros objetivos da mesma: lembrar e demonstrar que a geografia é, para todas as sociedades, um saber fundamental (LACOSTE, 2012, p.192).

Ou seja, a *Hérodote* é uma revista política, mas não é uma revista de política, ela é uma revista crítica, mas não é apenas isso, é bem mais abrangente e tratá-la dessa forma é um modo reducionista de tentar desqualificar seus artigos.

A *Hérodote* se esforça para que sejam estabelecidas relações entre homens de mídia, militares, historiadores, políticos, sociólogos, economistas, geógrafos e assim sucessivamente, para que seja possível que as reflexões geopolíticas progridam (LACOSTE, 2012).

Continuando nosso capítulo, afirmamos que, entre 1966 e 1975 - às vésperas do lançamento de *Hérodote* (1976) e de “A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra” (1976) - Lacoste visita Burkina Faso para estudar seus problemas de desenvolvimento agrícola; vai a campo no Afeganistão e pesquisa sobre suas favelas e seu crescimento demográfico e vai a Cuba para participar de um Congresso Cultural e refletir sobre estratégias em torno de Sierra Maestra (RIBEIRO JÚNIOR, 2023). Em cada continente, há uma ação, um tipo de engajamento, uma espécie de intervenção (RIBEIRO JÚNIOR, 2023). Isso é característico de Lacoste, uma geografia que é militante e não é passiva diante dos acontecimentos. O autor não só observa criticamente os acontecimentos

políticos, mas estuda minuciosamente e escreve sobre eles para que cada vez mais pessoas possam entender as causas desses acontecimentos, principalmente as próprias pessoas que estão sendo afetadas diretamente por eles. Sendo assim, o autor vai a campo buscando compreender de fato os acontecimentos para poder agir sobre eles, escrevendo e denunciando, principalmente em sua revista *Hérodote*, mas também em suas obras, como na própria “A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”.

Em relação aos seus estudos sobre o Terceiro Mundo, Lacoste afirma que o conceito de subdesenvolvimento pode auxiliar na investigação dos problemas do Terceiro Mundo e que aqueles que se opunham a esse conceito o faziam por algumas razões, como, por exemplo: acreditavam que o conceito era muito amplo, com sentidos confusos e diversificados e afirmavam que gerava um desconforto pois abarcava problemas nacionais e regionais que eram distintos demais (RIBEIRO JÚNIOR, 2023). O autor não cita quais geógrafos se opunham ao termo “subdesenvolvimento”, mas acredita-se que eram os partidários da escola francesa e do conceito de gênero de vida (RIBEIRO JÚNIOR, 2023). Por isso Lacoste irá investir crescentemente contra o conceito de gênero de vida ao mesmo tempo que buscará tentar fortalecer a concepção de subdesenvolvimento, e tais oposições demonstram concepções diferentes de ver a geografia. É nesse momento que começa a ser desnudado o embate epistemológico que tomará grandes proporções em 1976 em “A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra” (RIBEIRO JÚNIOR, 2023). O conceito de subdesenvolvimento, para o autor, aparece como meio de garantir a unidade da geografia, ameaçada pela especialização, e o papel do geógrafo seria o de delimitar a extensão do subdesenvolvimento na superfície do planeta, segundo o que já foi apontado (RIBEIRO JÚNIOR, 2023).

Para Lacoste, os próprios conhecimentos cartográficos são poderosos, pois são um poder sobre o espaço que estão conectados com a representação desse espaço e que balizam a necessidade de representações mais fidedignas, sendo necessário o trabalho de um cartógrafo-geógrafo (RIBEIRO JUNIOR, 2022). No entanto, de acordo com Harley (2005), nenhum mapa é neutro nem perfeito, todo mapa possui uma ideologia por trás de si, sendo que representar sua própria nação em um mapa de uma maneira que seja mais favorável aos seus interesses e que confunda opositores ou a sua população é uma ação de poder. Com base em Harley (2005), afirmamos que os mapas podem influenciar os povos que vivem em uma certa região fazendo com que eles pensem, por exemplo, que vivem em uma área menor do que na qual realmente vivem, fazendo com que se sintam menos poderosos do que realmente são e com menor possibilidade de acesso a recursos devido ao recorte de fronteiras realizado

pelos cartógrafos-geógrafos. Os mapas devem ser vistos como uma aproximação da realidade, mas não são a realidade em si, pois não conseguem explicar a complexidade dos fenômenos de uma forma tão abrangente e contam com uma ideologia às suas costas.

Quanto mais a geografia crescia, mais ela se especializava, e essa especialização crescente da geografia punha em xeque sua unidade, ameaçada pela divisão entre geografia física e geografia humana (RIBEIRO JUNIOR, 2023). Lacoste, criticando essa especialização crescente dos geógrafos em climatólogos, demógrafos, geomorfólogos e entre outros, se apoiou, em certa medida, de acordo com Ribeiro Júnior (2023), na Teoria Geral dos Sistemas de Ludwig von Bertalanffy. A teoria contribuía para o combate da especialização na medida em que frisava a junção dos fatos, fornecendo subsídios que tornavam a análise espacial possível a partir de um método que alcançasse os níveis, ordens, grandezas, intersecções, as diferenças e as interconexões (RIBEIRO JUNIOR, 2023). Lacoste (2012) critica essa geografia dicotômica e faz a guerra contra uma geografia que nega a complexidade de sua razão de ser, que só foca em aspectos humanos ou naturais, e não em suas inter-relações.

Lacoste afirma que a palavra geopolítica era proscrita do vocabulário dos geógrafos até 1979 (ZANOTELLI, 2005). Vários geógrafos, como Pierre George, rejeitavam o termo afirmando que essa palavra remete diretamente às estratégias nazistas (LACOSTE, 2012). Lacoste (2018, p.155-156) *apud* Anjos (2022) afirma, inclusive, que depois do início da guerra entre a Alemanha Nazista e a União Soviética, a geopolítica havia sido banida por Moscou e, desse modo, a geografia sofreu um desgaste considerável no governo soviético em nome de um reconhecimento maior apenas dos conhecimentos físicos e o mesmo modelo foi adotado na geografia cubana.

No entanto, em 1979, de forma inesperada, o termo “geopolítica” surge de forma pejorativa no jornal francês Le Monde para retratar a guerra Vietnã/Camboja, utilizado para “deplorar que dois povos saindo de uma longa guerra contra os americanos, onde eram aliados, se façam a guerra por território, dita com repugnância, é a geopolítica!” (ZANOTELLI, 2005, p.107)

A partir de 1982 a palavra geopolítica começa a ser cada vez mais utilizada (ZANOTELLI, 2005), pois o mundo passava por grandes transformações, como os dois choques do petróleo (1973) e (1979), o enfraquecimento da União Soviética, o avanço do capitalismo estadunidense e as maiores trocas comerciais no globo, assim como maiores conflitos e maiores tecnologias e poderes por parte das grandes potências. Era preciso, então, utilizar um termo que conseguisse atender e compreender as rápidas mudanças que estavam

ocorrendo no mundo. Além disso, Lacoste (2012) afirma que a geopolítica também poderia ser usada para o bem, como em movimentos de libertação colonial.

Concluindo nosso segundo capítulo deste trabalho, percebemos que a obra “A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra” chegou rapidamente no Brasil e fez muito sucesso, sendo muito relevante para o movimento da Geografia Crítica no Brasil. No entanto, Lacoste não é unanimidade, e Pedrosa (2009) *apud* Ribeiro (2021) é um exemplo, afirmando que as concepções de Lacoste de imperialismo e subdesenvolvimento são muito limitadas, por motivos explicados anteriormente. Lacoste também pode ser visto como um autor exagerado e radical em suas críticas e, por conseguinte, afastar possíveis leitores.

A revista *Hérodote* foi muito importante em sua carreira e existe até hoje, podendo ser acessada pela internet. *Hérodote* conseguiu juntar vários especialistas em torno de si para realizar seus artigos e suas reflexões, mostrando a importância de outros saberes para a geografia. Pierre Chaunu, um dos criadores da história quantitativa, afirma que considera a criação de *Hérodote* equivalente à criação dos *Annales* - movimento historiográfico revolucionário francês do século XX - para as ciências humanas (ZANOTELLI, 2005). Podemos notar que Lacoste também se interessa por temas como o subdesenvolvimento, o Terceiro Mundo e o contato frequente com profissionais de outras áreas. Por fim, nesse capítulo compreendemos que Lacoste entende que a geografia precisa ser política, mas não somente política, ela deve levar em conta as inter-relações entre a natureza e o ser humano de outras formas, como, por exemplo, a contemplativa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível compreender, com base na leitura crítica e detalhada da obra “A geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra” e com o auxílio de leituras complementares que Lacoste, quando se refere a “guerra”, explicitamente quer dizer sobre como os Estados e corporações utilizam a geografia para conhecer os territórios inimigos, vencer batalhas e dominar povos. No entanto, implicitamente, o conceito de “guerra” para o autor pode também ser visto de maneira mais ampla, muitas vezes como um sinônimo de “crítica”. Lacoste faz diversas críticas em sua obra, critica Marx por negligenciar o espaço nas análises de Economia-Política, critica La Blache por sua neutralidade, critica tanto a geografia dos Estados-Maiores por ser um instrumento de poder utilizado com a finalidade de promover os interesses dos agentes de poder e a opressão, quanto a geografia dos professores, caracterizada por encobrir o caráter estratégico da geografia e passar aos alunos a visão de que a geografia é uma disciplina descritiva, enciclopédica e monótona e critica a Escola Francesa de Geografia, como um todo, por sua busca incessante pela cientificidade. Todas essas críticas são guerras travadas pelo autor contra os pensamentos que ele discorda. É importante ressaltar, no entanto, que a crítica nem sempre é um sinônimo direto de guerra, já que discordâncias são normais e benéficas na academia. Contudo, Lacoste é extremamente enfático em suas posições e, como afirma Moraes (2007), é reconhecido por realizar a crítica mais contundente à geografia tradicional. Assim, este trabalho considera Lacoste uma exceção e entende que suas críticas podem ser vistas como verdadeiras guerras epistemológicas, muitas vezes até mesmo exageradas, como no caso de suas objeções a Vidal de La Blache.

Para Lacoste, de acordo com a obra de Zanotelli (2005), a geografia serve para causar polêmica e ela deve ser política. Lacoste (2012) criticava duramente a geografia tradicional tanto em seus métodos, quando se refere ao método regional vidaliano, quanto à suas concepções, como a concepção positivista de neutralidade e de ser apolítica. Para o autor, a geografia não deixa de ser uma ciência quando trata de assuntos políticos.

Fazer a guerra também é observar o mundo vigente e não o aceitar do modo que está, é olhar de modo crítico para a realidade e utilizar seus conhecimentos e agir em busca da mudança. Para Lacoste (2012), é essencial politizar a geografia e mostrar o resultado das pesquisas científicas realizadas em campo para os povos que vivem no lugar em que a pesquisa foi realizada, para que estes possam entender melhor a realidade em que estão

inseridos e que possam lutar por melhores condições de vida. Protestos, manifestações, revoluções, críticas - no caso de Lacoste - divergências de opinião, polêmicas e assim por diante podem ser vistas como sinônimos de guerra, mas há um termo que não pode, de forma alguma, ser visto como sinônimo de guerra, que é a neutralidade política.

Fazer a guerra é utilizar a geografia para auxiliar que os povos tenham uma vida melhor. A geografia tem uma dívida histórica a pagar, já fez muitos povos sofrerem com seu poder de destruição. No entanto, ela também pode trazer a paz e resolver conflitos, fazer a crítica a pensamentos tradicionais, politizar e auxiliar povos oprimidos, caso seja utilizada da maneira correta.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rodrigo Antonio Rodrigues; SILVA, Joice Nara Rosa; PIEREZAN, Camila Carolina Ghuzi; MENEZES, Luana Possomai; AGNOLIN, Fernanda Marques Milesi; MILESI, Marcos Venicius. Epistemologias para sempre: reflexões sobre o positivismo, sua história, conceitos, características, doutrinas e sua representatividade. **Revista DELOS**, Curitiba, 2024. DOI 10.55905/rdelosv17.n60-76. Disponível em: <https://ojs.revistadelos.com/ojs/index.php/delos/article/view/2255>. Acesso em: 4 nov. 2025.

ANJOS, Víctor Daltoé dos. Yves Lacoste e a Sierra Maestra. Um geógrafo contra os geografismos. **GEOGRAFARES**, [s. l.], v. 2, n. 35, p. 353-368, 2022. DOI <https://doi.org/10.47456/geo.v2i35.39471>. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/39471>. Acesso em: 28 set. 2025.

ANJOS, Víctor Daltoé dos. YVES LACOSTE: NAÇÕES E NACIONALISMO SOB O OLHAR DO RACIOCÍNIO GEOPOLÍTICO (1990-2001).. In: Anais do Congresso Brasileiro de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território - **CONGEO**. Anais...Sao Paulo(SP) USP, 2023. Disponível em: [https://www.even3.com.br/anais/IVCONGEO/675338-YVES-LACOSTE--NACOES-E-NACIONALISMO-SOB-O-OLHAR-DO-RACIOCINIO-GEOPOLITICO-\(1990-2001\)](https://www.even3.com.br/anais/IVCONGEO/675338-YVES-LACOSTE--NACOES-E-NACIONALISMO-SOB-O-OLHAR-DO-RACIOCINIO-GEOPOLITICO-(1990-2001)). Acesso em: 17/11/2025.

ANJOS, Víctor Daltoé dos. «Atenção, política! Yves Lacoste na crítica ao terceiro-mundismo e aos estudos pós-coloniais», **Terra Brasilis** [Online], 15 | 2021, posto online no dia 31 julho 2021, consultado o 13 agosto 2025. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/8150>; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.8150>.

CAÇÃO ROSA, Maria Eduarda. O Terceiro Mundo e as Relações Internacionais: uma relação intermediada pelas categorias de subalternidade, centro-periferia e desenvolvimento. **Revista Perspectiva: reflexões sobre a temática internacional**, [S. l.], v. 12, n. 23, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaPerspectiva/article/view/97208>. Acesso em: 17 nov. 2025.

CORRÊA, Vinicius. **Corte de recursos ao IBGE não é apenas ameaça de apagão estatístico, mas um projeto de desinformação**. [S. l.], 23 abr. 2021. Disponível em: <https://www.synergiaconsultoria.com.br/fique-por-dentro/corte-de-recursos-ao-ibge-causara-d-esinformacao/>. Acesso em: 11 dez. 2025.

DORFMAN, Adriana; REGO-MONTEIRO, Licio Caetano do. A geografia política brasileira em diálogo: perspectivas no século XXI. **Revista Tamoios**, São Gonçalo, v. 21, n. 2, p. 305-318, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2025.92343>. Acesso em: 8 set. 2025.

DUARTE, Geraldine Marcelle Moreira Braga Rosas. A evolução do pensamento geopolítico. **Caderno de Geografia**, [s. l.], 2023. DOI 10.5752/p.2318-2962.2023v33n. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/geografia/article/view/30008/20596>. Acesso em: 3 nov. 2025.

GONÇALVES, Marcelino Andrade; SANTOS, Claudinei Araújo dos. Da geografia tradicional ao pensamento geográfico crítico. **REVISTA ELETRÔNICA DA ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS SEÇÃO TRÊS LAGOAS**, [s. l.], v. 1, n. 40, 2024. DOI <https://doi.org/10.55028/agb-tl.v1i40.19617>. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/RevAGB/article/view/19617>. Acesso em: 12 nov. 2025.

HARLEY, John Brian. “Hacia una deconstrucción del mapa”. In: **La Nueva Naturaleza de los mapas: Ensayos sobre la historia de la cartografía**. México: Fondo de Cultura Económica, 2005. p. 185-207.

HUNDZINSKI, C. R. Maio de 68: estudantes, operários e o silêncio feminino. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 18, n. 204, p. 01-11, 16 maio 2018.

KAROL, Eduardo. **Geografia Política e Geopolítica no Brasil (1982-2012)**. 2013. Tese de Doutorado (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-22042014-144041/pt-br.php>. Acesso em: 13 nov. 2025.

LACERDA, Felipe Castilho de. **Edição & Revolução: Maspero, Trikont Verlag e as Estratégias de Difusão da Esquerda Latino-Americana na Europa**. 2025. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, [S. l.], 2024. DOI <https://doi.org/10.11606/T.8.2024.tde-03022025-154034>. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-03022025-154034/pt-br.php>. Acesso em: 7 out. 2025.

LACOSTE, Yves. **A Geografia - Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 19. ed. [S. l.]: PAPIRUS, 2012.

LIRA, Larissa Alves de. A Concepção de Tempo Geográfico do Mediterrâneo de Vidal de la Blache. **Confins**, São Paulo, n. 92, 2012. DOI <https://doi.org/10.4000/confins.9781>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/9781>. Acesso em: 29 out. 2025.

LIRA, Larissa. Vidal de la Blache à luz dos recursos da história social da geografia: a institucionalização da disciplina e o primeiro esboço do método geográfico. **Boletim Paulista de Geografia**, [S. l.], n. 92, p. 51–76, 2015. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/132>. Acesso em: 29 out. 2025.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia Pequena História Crítica**. [S. l.]: Annablume, 2007. 152 p.

MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes da renovação**. [S. l.]: Contexto, 2009. 176 p. v. 2

MOURA, Francisco Aracildo de; SOUZA, Geralda Juliet Tavares de; SILVA, Diêgo Rodrigues da; BAYER, Hiram de Aquino; FIGUEIREDO, Suzete Câmara da Silva. CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA A GEOGRAFIA EM PAUL VIDAL DE LA BLACHE. **Geingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia**, [s. l.], p. 220-238, 2024.

PRIETO, Gustavo Francisco Teixeira; VERDI, Elisa Favaro. Jean Dresch, a atualidade de um geógrafo anti-colonialista. **Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia**, Lisboa, 2017. Disponível em: [https://scielo.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0430-50272017000200008](https://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0430-50272017000200008). Acesso em: 3 out. 2025.

RIBEIRO JUNIOR, José Arnaldo dos Santos. YVES LACOSTE E A QUESTÃO DO MÉTODO: INSPIRAÇÃO TRICARTIANA E POSIÇÃO CRÍTICA FACE À ABORDAGEM DA ESCOLA FRANCESA DE GEOGRAFIA. **REVISTA CONTEXTO GEOGRÁFICO**, [s. l.], v. 8, n. 17, p. 93-110, 2023. DOI 10.28998/contegeo.8i.17.16517. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/378982533\\_YVES\\_LACOSTE\\_E\\_A\\_QUESTAO\\_DO\\_METODO\\_INSPIRACAO\\_TRICARTIANA\\_E\\_POSICAO\\_CRITICA\\_FACE\\_A\\_ABO RDAGEM\\_DA\\_ESCOLA\\_FRANCESA\\_DE\\_GEOGRAFIA](https://www.researchgate.net/publication/378982533_YVES_LACOSTE_E_A_QUESTAO_DO_METODO_INSPIRACAO_TRICARTIANA_E_POSICAO_CRITICA_FACE_A_ABO RDAGEM_DA_ESCOLA_FRANCESA_DE_GEOGRAFIA). Acesso em: 27 set. 2025.

RIBEIRO, Guilherme. Agentes da tradução e circulação dos clássicos na periferia da ciência. **Terra Brasilis**, [s. l.], 2021. DOI <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.8014>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/8014>. Acesso em: 13 nov. 2025.

SANTOS, Kesia Rodrigues Dos. **A teoria sistêmica e a geografia: um olhar para os precursores de jean tricart**. Anais do XV ENANPEGE... Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/94467>>. Acesso em: 13/11/2025.

SILVA, Daniel Afonso da. **Às voltas com os mundos de Yves Lacoste**. 2024 Disponível em: <https://jornal.usp.br/articulistas/daniel-afonso-da-silva/as-voltas-com-os-mundos-de-yves-la-coste/>>. Acesso em: 17 nov. 2025.

TAVARES, Vitor. **IBGE sob ataque**: como órgão se tornou alvo da direita e bolsonaristas nas redes. [S. l.], 16 jul. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c7224d10n31o>. Acesso em: 11 dez. 2025.

VERDI, Elisa Favaro. Yves Lacoste, a geografia do subdesenvolvimento e a reconstrução da geopolítica. **Terra Brasilis**, [s. l.], 2017. DOI <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.2286>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/2286>. Acesso em: 12 ago. 2025.

VERNE, Júlio. **A Ilha Misteriosa**. [S. l.]: Principis, 2021. 416 p.

WHITACKER, Guilherme Magon, «Uma ilustração geográfica sobre a guerra: bombardeando os diques no rio Vermelho, Vietnã do Norte», **Confins** [Online], 44 | 2020, posto online no dia 13 março 2020, consultado o 12 agosto 2025. URL: <http://journals.openedition.org/confins/26001>; DOI <https://doi.org/10.4000/confins.26001>

ZANOTELLI, Cláudio Luiz. **Yves Lacoste: Entrevistas**. São Paulo: Annablume, 2005.